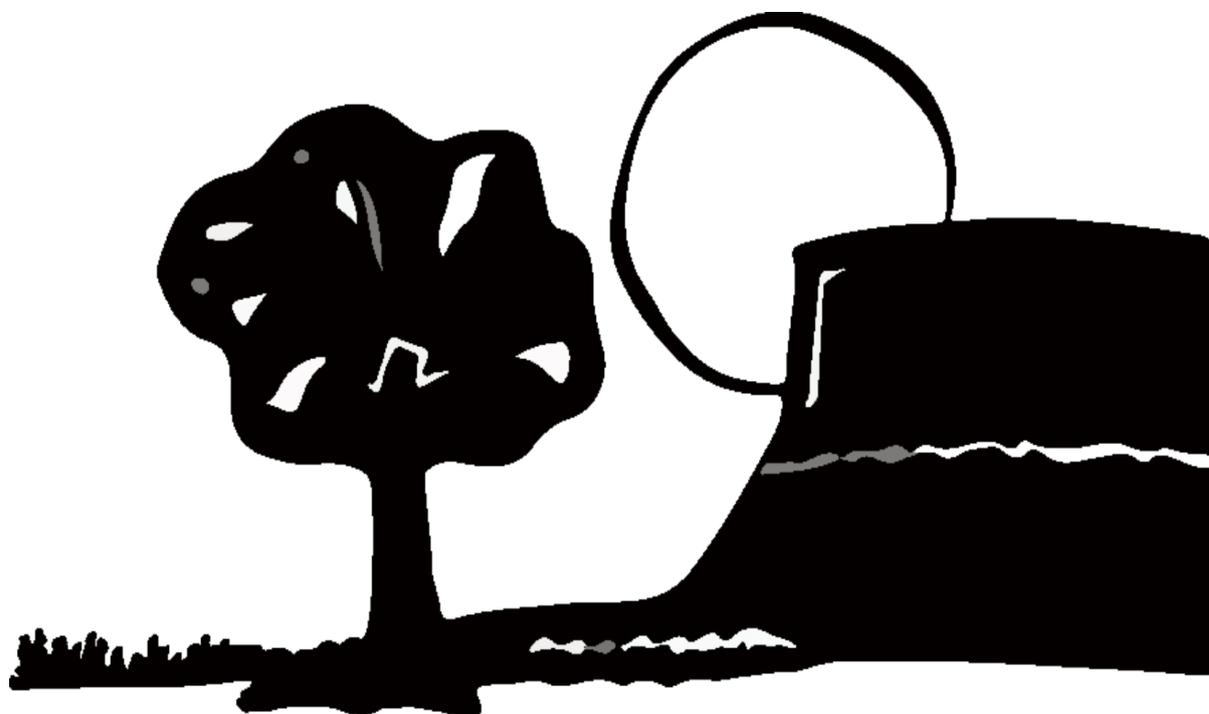


**Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira**

# Lavrados E Cordéis



# Lavrados e Cordéis



**Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira**

1ª Edição - 2017



**Lavrados e cordéis.** Copyright © 2017 by Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira. Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, adaptada ou copiada, desde que mencionada a fonte/autoria. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei N. 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

**UERR Edições**

Universidade Estadual de Roraima  
Rua 7 de Setembro, N. 231.  
Bairro Canarinho. CEP. 69306-530.  
Tel. (95) 2121-0944  
CNPJ: 08.240.695/0001-90  
contato@edicoes.uerr.edu.br

**Conselho Editorial**

Isabella Coutinho Costa  
Márcia Teixeira Falcão  
Mário Maciel de Lima Júnior  
Rafael Parente Ferreira Dias  
Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira

**Equipe Editorial**

Carlos Eduardo Ferreira Rocha  
Cláudio Souza da Silva Júnior

**Universidade Estadual de Roraima**

Regys Odlare Lima de Freitas, Reitor.  
Cláudio Travassos Delicato, Vice-Reitor.  
Sergio Mateus, Pró-Reitor de Ensino e Graduação.  
Vinícius Denardin Cardoso, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação.  
André Faria Russo, Pró-Reitor de Extensão e Cultura.  
Alvim Bandeira Neto, Pró-Reitor de Planejamento e Administração.  
Ana Lídia de Souza Mendes, Pró-Reitora de Orçamento e Finanças.  
Elemar Kleber Favreto, Pró-Reitor de Gestão de Pessoas.

**Diagramação:** Cláudio Souza Jr. <claudio@uerr.edu.br>.

**Ilustrações:** Lindomar Bach, Julianne Cravo, Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira.

**Revisão:** O autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48L	Oliveira, Rodrigo Leonardo Costa de. Lavrados e cordéis. / Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira. – Boa Vista – RR : UERR Edições, 2017. 149 p. : il.  ISBN: 978-65-990458-5-1  1. Literatura de cordel 2. Contos de cordel 3. Roraima – Lavrados
2020-007	CDD – 398.598114 (21. ed.)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Sônia Raimunda de Freitas Gaspar – CRB-11/273 – RR

1ª Edição - 2017



# Dedicatória

Ao maior dos Cordelistas, Leandro Gomes de Barros, e a todos os outros conseguintes, que fizeram de suas vidas um mundo mágico para os leitores.

Aos familiares e amigos, que sempre gostaram e me incentivaram a escrever os cordéis, e que estavam ali do lado pra me dizer a melhor palavra que faltava para a rima, mesmo que até hoje muitos deles não saibam disso.

E à minha filha Maria Vitória, que seu mundo seja tão mágico como o mundo dos cordéis.

## **Sumário**

<b>Prefácio.....</b>	<b>5</b>
<b>Apresentação.....</b>	<b>7</b>
<b>Um cordel é.....</b>	<b>10</b>
<b>O código Macunaíma.....</b>	<b>12</b>
<b>O ET de São João da Baliza.....</b>	<b>24</b>
<b>O Encontro de Makunaima com Trio Roraimeira.....</b>	<b>36</b>
<b>Lavradeiro.....</b>	<b>46</b>
<b>O baile do judeu.....</b>	<b>56</b>
<b>O Encontro de Makunaima com Ajuricaba: Contra a Biopirataria.....</b>	<b>70</b>
<b>Pra toda rima saudade.....</b>	<b>80</b>
<b>Entre um café e um cordel.....</b>	<b>82</b>
<b>Juquira.....</b>	<b>84</b>
<b>História da UFRR.....</b>	<b>86</b>
<b>Um encontro com seu Xarute na Feira do Passarão.....</b>	<b>98</b>
<b>A cantiga de Luis Felipe e Julia.....</b>	<b>108</b>
<b>Fim de tarde.....</b>	<b>118</b>
<b>Pelos campos do rio Branco.....</b>	<b>120</b>
<b>O cachorro Peteleco.....</b>	<b>123</b>
<b>Isabel e o mundo à sua frente.....</b>	<b>131</b>
<b>Eu queria ser escritor.....</b>	<b>148</b>

# Prefácio

Como o autor cria realidades, acontecimentos e encontros.

**Profa. Dra. Adriana Albano**

Universidade Federal de Roraima

‘Lavrados E Cordéis’ de Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira nos apresenta o olhar daquele que está desvendando acontecimentos, paisagens, mitos: a cotidianidade de uma região. Mas a revelação se dá aqui mais como modo de interpretação do ambiente roraimense do que como a sua verdade.

A relação entre as figuras da escrita é movida pelas referências que indicam o sujeito da escrita e o ambiente em que se encontra. Esse ambiente projeta a subjetividade para além dos seus limites: em direção à descoberta e à criação da poética cordelística que promove, ao mesmo tempo, uma releitura tanto da história e cultura da região, como da literatura brasileira.

Em “O Código Macunaíma”, o autor nos apresenta a interessante e inteligente construção literária que retoma a Semana de Arte Moderna e a viagem de Mário de Andrade pelo Norte e Nordeste em busca de suas “raízes” folclóricas. Nesse caminho de composição cordelística, Oliveira descreve a fauna e flora da região, os mitos, as cidades – coloca o Canaimé, a cobra grande Boiúna, critica o desmatamento e cita a cidade de Caracarái – tudo em tom prosaico e em ritmo acelerado, apresentando a rapidez do olhar que deseja captar o máximo de informação sobre o ambiente visitado. Rapidez dos versos que faz parte das origens do estilo do cordel que consiste na fala dinâmica que busca atenção do público transeunte. Interessante notar que a voz proposta na escrita desse cordel não é a do autor, tampouco do escritor, mas do personagem paulista Mário que estranha e se deslumbra diante do inesperado e desconhecido. Tal articulação da escritura garante certa desfamiliaridade na descrição, uma vez que os elementos do entorno despontam a partir do olhar do intelectual urbano europeizado, como o próprio Mário de Andrade afirma em carta a Carlos Drummond de Andrade, informação que o autor cordelístico soube bem explorar.

Nos demais cordéis, percebemos esse tom de conversa ao pé do ouvido que enaltece as características peculiares do estado de Roraima, características que incluem o modo de viver pacato de cidades como São João da Baliza, a migração de pessoas de estados como Amazonas, Pará e Maranhão, além das festas que vão construindo as tradições das cidades recém povoadas.

O autor também, em linguagem poética e por meio de rimas bem construídas, apresenta o Trio Roraimense, importante movimento cultural que busca valorizar a cultura da região. Nas falas dos seus três componentes principais, Zeca Preto, Neuber Uchôa e Eliakim Rufino, propõe a construção de cordéis como aparato pedagógico para o ensino da leitura e escrita não só na escola, mas também fora dela, cordel “O Encontro de Makunaima com o trio Roraimense”.

Há a crítica à biopirataria em “O Encontro de Makunaima com Ajuricaba contra a biopirataria”, em que o autor expõe de modo claro e inteligente a

história desse crime que remonta à colonização portuguesa quando exploraram o pau-brasil. Aqui o humor dá lugar à seriedade do conto, o ritmo se torna mais lento e a crítica se faz contundente. A lógica do capitalismo é denunciada por meio das mazelas que deixa atrás de si.

Já em “Rio Branco de Boa Vista”, no cordel LAVRADEIRO (que traz os primeiros textos escritos pelo autor), as rimas e o ritmo dos versos tornam a musicalidade do cordel instantânea e potente, ao mesmo tempo em que fazem um percurso geográfico pelas cidades e rios que atravessam o estado: uma “aula” de geografia fluvial que deságua no Amazonas e cujo personagem principal é o rio Branco, veia central de Boa Vista.

Makunaima é um personagem sempre presente ao longo do livro, parece constituir o emblema dos cordéis, voltados para a figura lendária que simboliza e abarca todas as “realidades” criadas nos cordéis. Uma realidade e escrita Frankenstein, uma vez que constrói um cenário poético marcado por elementos oriundos de culturas próximas, acontecimentos que fazem parte da história do estado e ainda desenvolvimentos de instituições, mas que suplementam.

No cordel “História da Universidade Federal de Roraima”, o cordelista compõe uma narrativa-poema que se inicia com a migração de pessoas de outros estados as quais irão compor a diversidade de ideias e caracteres que estão presentes na instituição. Consegue re-apresentar as dificuldades e o pioneirismo daqueles que desejavam a criação de tal centro de formação em Roraima: acordos governamentais, ampliação de espaço físico, recebimento de proventos, carência de pesquisadores, necessidade de gestões democráticas, e ainda a lembrança das figuras caras a tal construção. O longo cordel termina genuinamente retomando um ditado popular, como se estivesse indicando que a simplicidade e o saber científico não podem se desvencilhar: as raízes e os conhecimentos tradicionais são o entorno de qualquer instituição de ciência.

Na última parte do livro, podemos perceber que o ritmo se torna mais lento, os versos ligeiramente mais estendidos agora articulam o tom mais intimista da escrita. Em “Um Encontro com Seu Xarute na feira do Passarão” o escritor surge como personagem que dialoga com o importante cordelista, este conta sua trajetória e suas influências literárias. Já em “A cantiga de Luís Felipe e Júlia”, estão presentes os elementos característicos que compõem histórias afetivas as quais fazem parte da “realidade” daqueles que migram para o estado: as dificuldades e as dores de distanciamentos necessários à formação, ao mesmo tempo em que promovem relações mais cúmplices, como o próprio cordel assinala. Movimento poético interessante em tempos de “amores líquidos” na medida em que tenta desconstruir padrões sociais-afetivos modernos, apontando novas considerações. Se a tristeza e a dor são hoje celebradas pelas canções da cultura de massa, o cordel reinstala a celebração do contrário.

Se a construção poética precisa ser produzida pelo desassossego, encontramos em Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira o desejo freudiano de escrita como presença de uma ausência constitutiva e produtiva, como notamos no título dos versos finais: “Eu queria ser escritor”.

# Apresentação

A ideia deste livro surgia e ressurgia todas as vezes que participava das inúmeras palestras-oficinas nas Escolas Municipais, Estaduais e Indígenas de Boa Vista, nas Universidades Estadual e Federal de Roraima, e nos Encontros de Cordelistas nas Feiras de Ciências. Eu pensava sempre: “Poderia reunir os cordéis num pequenolivro”. Participar destes eventos sempre me deu imensa alegria. E nestes, me deparei com a situação de brilho nos olhos dos interessados quando eu perguntava: Você já viu um cordel? Pegou em um? A resposta quase unânime era de negação. E o que acontecia nestes momentos é que às vezes o interessado na minha fala queria ter um cordel, levá-lo pra casa. E quase sempre eu não tinha um para presenteá-lo, daí eu perdia aquele exemplar que era único em minha coleção.

Confeccionar um cordel em Boa Vista tem suas desvantagens que surgem do momento de levar o seu conto de cordel para uma gráfica. Por vezes, deparei-me com um valor cinco vezes maior que no Recife, onde imprimi meus primeiros cordéis. Foi a partir daí que incentivado por colegas iniciei a produção própria. Além de escrever, eu agora montava no computador, comprava papel jornal, papel colorido e fotocopiava meus cordéis. Presentear os amigos também sempre me deu imensa alegria.

Apesar de ser pernambucano de Vitória de Santo Antão, onde o primeiro sem segundo Leandro Gomes de Barros produziu inúmeros cordéis em tipografia própria, adicionado ao fato de eu ter crescido em Glória do Goitá, Pernambuco e na Região Metropolitana do Recife, e ter tido contato desde criança com várias manifestações culturais como mamulengo, maracatu, pastoril, cavalo-marinho, frevo, baião e outros, só encontrei as condições necessárias de escrever cordéis em Boa Vista, Roraima, em 2008 aos 26 anos de idade. Desde que cheguei à cidade sentia a necessidade de escrever sobre ela. Li variados registros históricos da cidade e dos municípios do interior de Roraima, biografias, contos, lendas e mitos amazônicos. Tudo isso me enchia os olhos e turbilhava centenas de planos na minha cabeça até que veio a ideia de questionar a primeira coisa que ouvimos em Roraima: Makunaima? E não é Macunaíma? E assim nasce O Código Macunaíma –O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade. Particularmente, o texto que mais juntei informações das minhas primeiras leituras na Amazônia Setentrional, e que tenho como a minha obra-prima genuína, construída em Boa Vista e nas viagens que fazia para São João da Baliza em 2007 e 2008.

Em seguida, encontro um registro de observação de Óvnis naquele município do sul de Roraima na Biblioteca Pública do Estado em Boa Vista, daí vem O ET de São João da Baliza (Baseado em histórias reais). E depois vieram os demais encontros de Makunaima, inspirados na musicalidade amazônica do Trio Roraimeira e do Raízes Caboclas do Amazonas, e a adaptação do conto O Baile do Judeu de Inglês de Souza, e ainda a publicação dos primeiros textos que rabisquei sobre Roraima reunidas em LAVRADEIRO. Concomitante a tudo isso, veio a amizade com demais cordelistas, Zanny Adairalba, Otaniel, Lindomar Bach e Seu Xarute, um momento muito feliz e de descobertas no mundo do cordel.

É sempre bom também lembrar de quem me iniciou neste mundo do

cordel, meu irmão Rafael de Oliveira, que veio me visitar e me ensinou como fazer uma quadra, uma sextilha, uma septilha e etc. Depois dos primeiros cordéis veio o reconhecimento pelos amigos, dos estudantes, as palestras-oficinas, jornal, TV, web e também o que considero como homenagens: fui junto com os demais cordelistas tema da música da quadrilha junina Zé Monteiro no Boa Vista Junina de 2012; os cordéis foram estudados por estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação (Especialização e Mestrado) em Letras, o que me incentivou ainda mais a seguir firme na proposta do Cordel de Roraima, minha editora tão fictícia quanto às minhas histórias.

E encerro esta apresentação com um recado/lembrete para você, prezado leitor. Peço-lhe que não leia ou analise meus versos nesta pequena antologia como um grande cordelista, mas sim, como um inquieto cidadão que se apaixonou por Roraima e que desejou escrever sobre ela. Meus versos ainda são como um terreno onde cresce grama e aparecem alguns arbustos, falta ainda um bom tanto para aportar as árvores. Lavrados E Cordéis.

Boa Vista do rio Branco, 18 de julho de 2017.

Dia Nacional do Trovador.



## Um cordel é



Para mim um cordel é  
Com rima mais redondilha  
E com mote que estribilha  
Bem quente como café  
Ou bem frio num sopé  
Que só me traz um bom ganho  
Variando seu tamanho  
Com minhas contas no dedo  
Que cada verso segredo  
Revela-se como estranho.



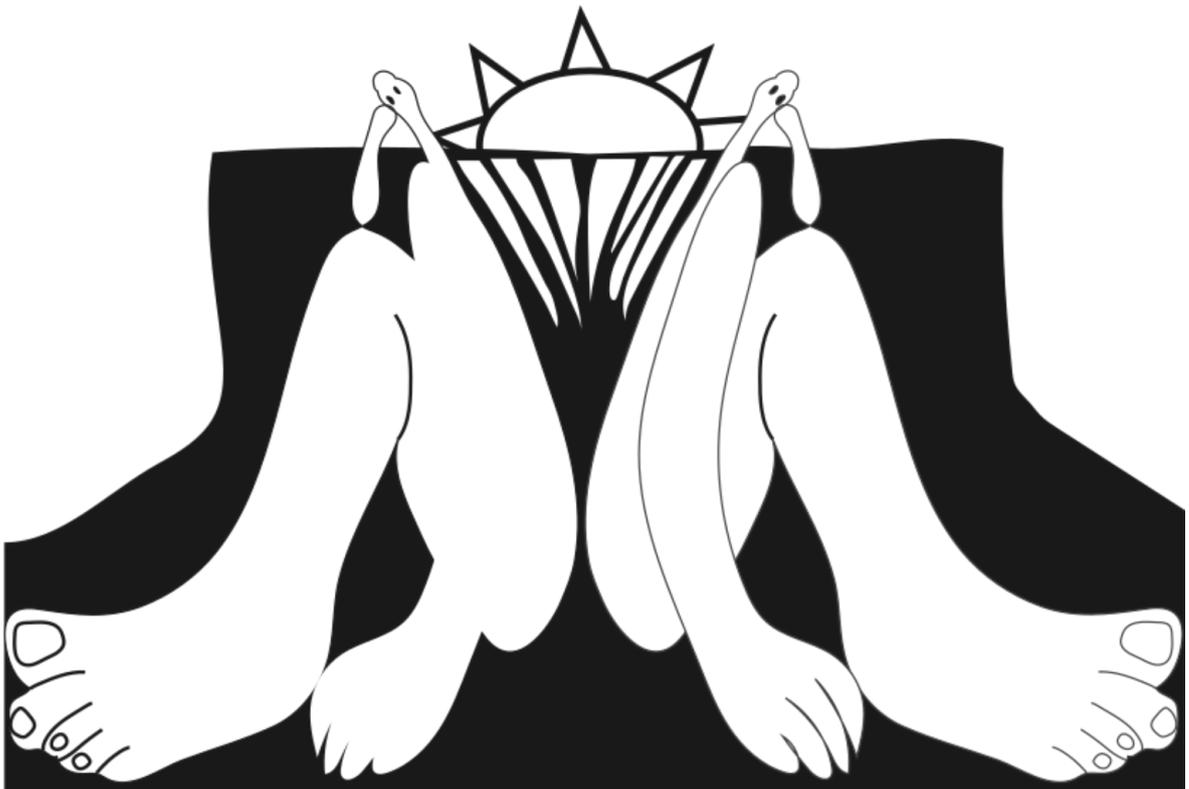
Boa Vista do Rio Branco, julho de 2015.



**LITERATURA DE CORDEL**

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

**O Encontro de Makunaima  
com Mário de Andrade**



*O Código Macunaíma – O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade foi escrito em 2008. Meu primeiro conto de cordel que escrevi em São João da Baliza e Boa Vista, bem como dentro das vans que faziam o transporte entre as duas cidades. A inspiração da história parte da ideia de alguém que chega em Roraima e escuta pela primeira vez no Makunaima e se pergunta: Mas não é Macunaíma? A construção do texto me rendeu muita pesquisa bibliográfica quanto às lendas e mitos da Amazônia bem como relatos históricos da viagem de Mário de Andrade pelo Brasil. É o texto que mais tenho carinho, a obra-prima.*

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

Venho para esclarecer  
Rapsódia de cultura  
Que escreveu Mário de Andrade  
Pra nossa Literatura  
Entre Makunaima herói  
Macunaíma anti-herói  
Narro assim esta aventura...

A história se inicia  
Na terra do romancista  
A cidade de São Paulo  
Na arte nacionalista  
Ao lado de seus amigos  
Na semana modernista

Nessa semana brasileira  
Há muitas léguas distantes  
Em busca de identidade  
Mário lidera levante  
Para o povo brasileiro  
À Amazônia avante!

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

Em êxtase de cultura  
Na rapsódia de origem  
Exaltou à Amazônia  
Como poucos se dirigem  
Declamou-a de sublime  
Como as pessoas exigem

Rumo ao norte do país  
Viaja Mário de Andrade  
De caderneta na mão  
Tomando variedade  
Da cultura popular  
E também brasilidade

No decorrer da viagem  
Navegou pelo Madeira  
Passeou lá em Belém  
E se deparou com a feira  
Sonhou com belos lugares  
E moças a noite inteira

O poeta brasileiro  
Se encantava com o que via  
Verde para todo lado  
Da alvorada ao fim do dia  
Sem problemas na cabeça  
Era vida que queria

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

Uma Amazônia selvagem  
Espelhando romantismo  
A tradição cultural  
Iluminando realismo  
Os contos de Inglês de Sousa  
Num natural modernismo

Pelo Negro navegou  
Ao rio Branco margeando  
Cortou as campinaranas  
Com mata e chuva enfrentando  
Lá em Caracarái  
Pela estrada viajando

Pelos campos lavradores  
Animais ele avistava  
Peixes, onças e tatus  
Tudo aquilo admirava  
Serras, florestas e rios  
No paraíso que estava

Andou por belas veredas  
Águas de cristal na fonte  
Cruzou o Uraricoera  
Dourou com o sol no horizonte  
Pinturas na bela pedra  
Até encontrar o Monte

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

Estava chegando a noite  
Quando um estrondo soou  
Luzes e trevas no céu  
De uma vez tudo parou  
O arrebol reluzia  
De lenda a mito tornou

Do rei sol com a dama lua  
Ele nasceu como herdeiro  
Índio forte e esperto  
Entre todos, o primeiro  
E guarda o Monte Roraima  
Com a bravura de um guerreiro

Makunaima apareceu  
Sobre um cavalo selvagem  
Na luz dum imperador  
Nos coriscos, uma imagem  
O Deus de todas as tribos  
Herói de força e coragem

Mas Mário não esperava  
Aquela situação  
Tudo aquilo parecia  
Ser mesmo uma confusão  
No fundo do mato-virgem  
A nebulosa explosão!

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

Makunaima já sabia  
Que o escritor procurava  
Tinha seguido seus passos  
Na mata que atravessava  
Achou digna sua missão  
Pois folclore resgatava

(Makunaima – MK):  
Seja bem vindo poeta  
Admirável procura  
A cor, a raça e o sangue  
São verdadeira cultura  
Este é o legado autêntico  
Para geração futura

Pois lhe digo que a nação  
Tem no folclore riqueza  
Desde os pampas aos sertões  
No coração uma certeza  
E nas grandes capitais  
Nas cidades, a natureza

(Mário de Andrade – MA):  
Viajei pelo Brasil  
E dancei samba e canção  
No Nordeste registrei  
Maracatu e baião  
Na Amazônia mal cheguei  
E já vibrei de emoção

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

(MK):

E nesta terra do Norte  
Tem muito pra conhecer  
Festejos à beira-rio  
Vendo dia amanhecer  
Histórias, lendas e mitos  
Pra nunca mais esquecer:

No ajuri da mandioca  
Grande festa celebrando  
Dança ao redor da fogueira  
Pedras que batem cantando  
Calafrios na madrugada  
O vento forte soprando

Índio desobediente  
Não cumpre as regras de pé  
Desrespeita leis da tribo  
Chama atenção do pajé  
E depois acerta as contas  
Pela Lei do Canaimé

E Pelo extenso rio Branco  
Entre as luzes de Tupã  
Navega bela desnuda  
Presa à faceira cunhã  
A cobra grande Boiúna  
Com a pedra muiiraquitã

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

(MA):

O Lendário Amazônico  
É muito rico e diverso  
E enaltece o Brasil  
Com música, letra e verso  
Se amar é intransitivo  
Então não conjugo inverso

(MK):

O Brasil tem muita cara  
Basta o povo descobrir  
Esta terra ainda não é  
Bem depois que o branco agir  
Pois escreva sem demora  
Para o povo decidir

Pois essas tribos cairão  
E todos seremos um  
Verde-mata passará  
Não vai sobrar peixe algum  
E quando os rios secarem  
Não terá lugar nenhum

(MA):

O povo deve saber  
O futuro do país  
Árvores não crescerão  
Se perdermos a raiz  
Concretizo Desvairismo  
Fruto do giro que fiz

# **O CÓDIGO MACUNAÍMA**

## **O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade**

(MK):

E o povo brasileiro  
Precisa reconhecer  
Que com essas atitudes  
A nação vai perecer  
A preguiça e a miséria  
Nos levarão a descer

(MA):

Eu mostrarei as pessoas  
A cultura que não rima  
As pessoas como vivem  
O Brasil não vai pra cima  
E eles conhecerão  
Anti-herói Macunaíma  
Macunaíma é símbolo  
De uma tamanha ilusão  
De pessoas sem caráter  
Com malícia e corrupção  
Dos falsos cidadãos que  
Deixarão o povo na mão  
Ainda revelará  
Desordem nacional  
Elites inconsistentes  
A riqueza virtual  
Progressistas, conformados  
Mundo superficial.

# O CÓDIGO MACUNAÍMA

## O Encontro de Makunaima com Mário de Andrade

Makunaima creditou  
O que Mário quis fazer  
Então não quis esperar  
Muito tempo para ler  
E mostrou coisas da terra  
Para Mário escrever

Quatro semanas depois  
Mário pra casa voltou  
Lembrou do saudoso encontro  
E seu trabalho ampliou  
No âmbito de sua escrita  
Seu romance publicou

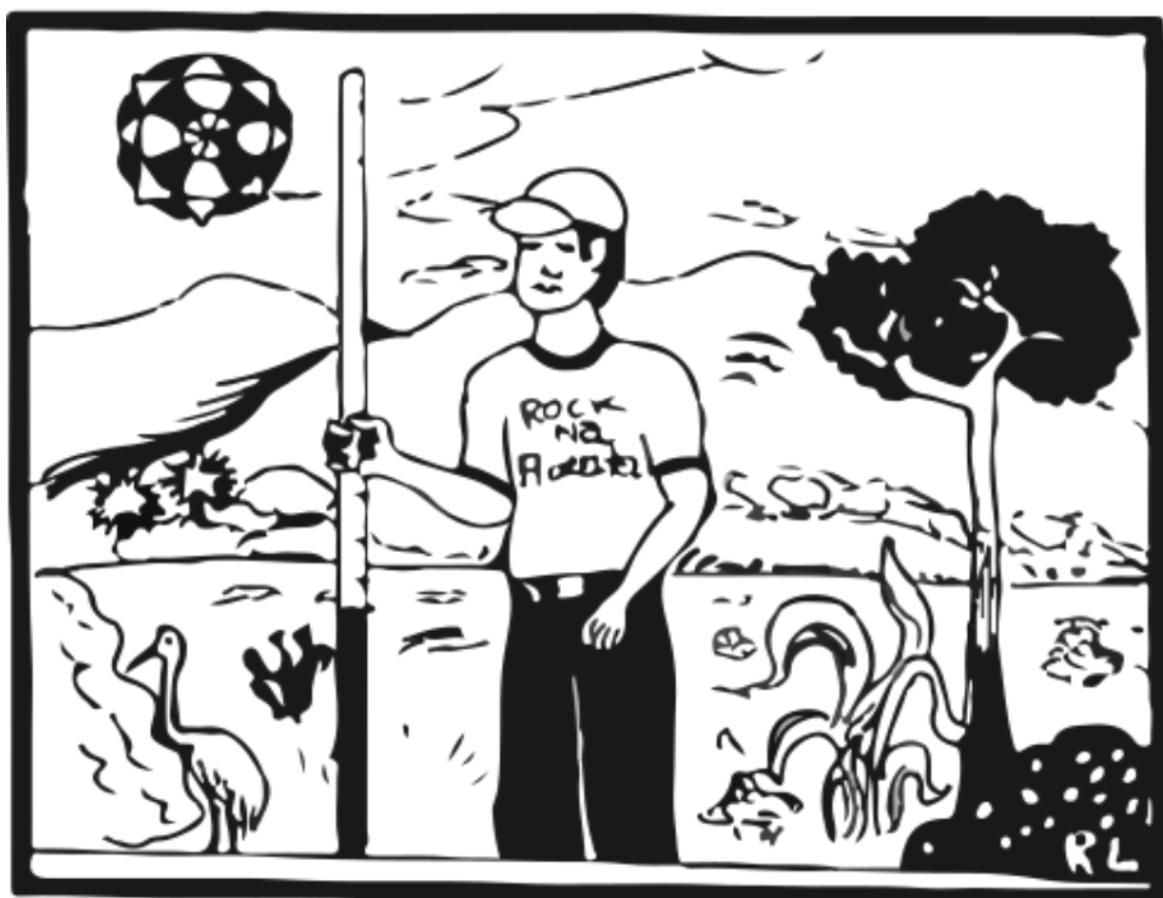
No diário do poeta  
Não se lê a tal viagem  
Mário de Andrade guardou  
Muito bem essa bagagem  
Ao grande monte Roraima  
Na terra de Makunaima  
Levou na mente essa imagem.

*O livro “Macunaíma, o herói sem nenhum caráter”, foi publicado em 1928 alcançando muito sucesso até os dias atuais. O que definitivamente pôs Mário de Andrade no rol dos grandes romancistas brasileiros.*

Boa Vista, 05 de outubro de 2008.  
20º aniversário de criação do Estado de Roraima



# O ET DE SÃO JOÃO DA BALIZA



*Meu segundo conto de cordel. Os dois anos que passei trabalhando em São João da Baliza me faziam pensar que eu teria que escrever um cordel sobre a cidade. Mas com que trama?! Entre tantas ideias, pensei em fazer o ET de São João da Baliza, mas não achei que seria interessante. Dias depois em pesquisa na Biblioteca pública, leio um livro de memórias de um radialista de Boa Vista e nele continham quatro histórias de que foram observados óvnis em São João da Baliza. A ideia foi imediatamente retomada, e a construção e personagens são inspirados em amigos que conviviam comigo naquela época. Em 2016, o texto inspirou uma pequena peça teatral pelos alunos da Escola Estadual Maria dos Prazeres Mota. Foi publicado em 2010 pela Campos de Versos do grande artista Abdias Campos.*

**O ET**  
**DE SÃO JOÃO**  
**DA BALIZA**  
*(Baseado em histórias reais)*

Meus caríssimos leitores  
Venho história contar  
De uma cidade de Roraima  
Que ouvi muito se falar  
Numas conversas que tive  
Com o povo que vem de lá

Dizem que nesse lugar  
Vida é um fim-de-semana  
E todos têm seu trabalho  
E alegria se emana  
Onde menino não mente  
E o velho não se engana

# O ET DE SÃO JOÃO DA BALIZA

*(Baseado em histórias reais)*

Uma cidade pacata  
Perdida nesse Brasil  
Longe da cidade grande  
E o céu tem cor de anil  
Sem fumaça, nem ladrão  
E sem tiro de fuzil

A única agitação  
São nos dias de festança  
Seja ela do padroeiro  
De político ou de dança  
São dias inesquecíveis  
E que não perdem lembrança

Dizem que o povo chegou  
Na década de sessenta  
Entretanto, muitas coisas  
São dos tempos de setenta  
E a emancipação  
Veio nos anos oitenta

Mas o que interessa mesmo  
É de onde o pessoal veio  
Muitos vieram do Sul  
Do Nordeste e do meio  
Com riqueza na cabeça  
Sem botar o pé no freio

**O ET  
DE SÃO JOÃO  
DA BALIZA**  
*(Baseado em histórias reais)*

Muitos são do Maranhão  
Alguns são do Ceará  
E tem gaúcho também  
Daquelas bandas de lá  
Porém, não tem muita gente  
Do Amazonas e Pará

A terra foi dividida  
Em algumas vicinais  
Cada chefe recebeu  
Lotes de áreas iguais  
E fundaram a cidade  
Sem ter muitos ideais

No começo foi difícil  
Comércio nem existia  
Não tinha água, nem luz  
Muito menos padaria  
Vários só tinham Jesus  
Outros nem Ave Maria

Mas desse jeito se deu  
Na terra que o povo pisa  
Com promessa e esperança  
Que demora e martiriza  
E assim foi que nasceu  
São João, o da Baliza

**O ET**  
**DE SÃO JOÃO**  
**DA BALIZA**  
*(Baseado em histórias reais)*

Em tal cidade amazônica  
Vive o jovem Manoel  
Membro da sociedade  
Cumpra bem o seu papel  
É filho daquela terra  
Gerado por Samuel

Seu Samuel é casado  
Com sua Dona Lurdinha  
Têm em casa quatro crias  
Todos filhos da terrinha  
Destes, três são masculinos  
E uma linda princesinha

Manoel é o mais velho  
Entre todos os irmãos  
É orgulho da família  
E não falta a tradição  
Seus irmãos são Carolina  
Pedro Luís e João

Manoel durante o dia  
Trabalha bem com o seu pai  
É uma vida corriqueira  
Que passa no vem e vai  
Fim de tarde caminhando  
E à noite em busca sai

**O ET**  
**DE SÃO JOÃO**  
**DA BALIZA**  
*(Baseado em histórias reais)*

À noite vem chegando  
Manoel sai pra caçar  
Paca, tatu ou veado  
Antes da lua levantar  
Leva espingarda na mão  
E lanterna pra enxergar

Na noite fria e escura  
No meio do matagal  
Ouve canto da coruja  
Ao longo da vicinal  
Estrela brilha no céu  
O boi muge no curral

Estava a noite tranquila  
Sublime a luz do luar  
E com um brilho platinado  
Pra floresta iluminar  
Então o jovem engatilha  
À presa cai ao gritar...

De repente soa no ar  
Forte zumbido rasgante  
Onde o silêncio se esconde  
E Manoel neste instante  
Olha pro céu e avista  
Grandiosa luz brilhante

# O ET DE SÃO JOÃO DA BALIZA

*(Baseado em histórias reais)*

Manoel não titubeia  
E olha desconfiado  
A forte luz que arroteia  
Agora no seu cercado  
Passa por cima da casa  
E desce pelo telhado

O jovem então se aproxima  
E num susto se depara  
Com criatura careca  
De olho vermelho na cara  
Manoel pega carreira  
Mas bem logo a perna para

E toda cidade escuta  
Aquele forte zumbido  
E todos deixam as casas  
Sem nem saber do ocorrido  
Manoel sai disparado  
E não se dá por vencido

E os cachorros latiam  
Cavalo desembestava  
Seu Francisco se tremia  
Dona Josefa gritava  
A noite virava dia  
No céu a nave brilhava

# O ET DE SÃO JOÃO DA BALIZA

*(Baseado em histórias reais)*

No momento todos viram  
Num rápido vôo rasante  
A bola explodir em cores  
E sumir naquele instante  
À noite virando dia  
Lusco-fusco alucinante!

A nave circunda o céu  
E rasga pela matinha  
Cruzando de norte a sul  
Retorna pela Serrinha  
Reduz a velocidade  
E plana sobre a pracinha

Mas o povo se apavora  
Dispara no mói de coentro  
Manoel a essa altura  
Tão já rumou para o centro  
A nave pouisa na praça  
Uma forte luz sai de dentro.

Os homens puxam as armas  
Mas elas queimam nas mãos  
Bem Manoel chega à praça  
No meio da multidão  
O ET salta da nave  
E o encontra no chão

# O ET DE SÃO JOÃO DA BALIZA

*(Baseado em histórias reais)*

Manoel neste momento  
Dessa luz se iluminou  
As pessoas se assustaram  
Muita gente desmaiou  
O povo grita na rua  
O chupa-cabra chegou!

Passado susto na praça  
ET ganhou todo povo  
Veio lá de bem longe  
E construiu mundo novo  
E São João da Baliza  
Chamou Cabeça-de-Ovo

Criou associações  
A leitura incentivou  
Educou os cidadãos  
Aos pobres orientou  
Também brincou carnaval  
Mas na quarta jejuou

E quando ninguém esperava  
Cabeça de ovo quis festa  
– Traz o povo da cidade  
Que vou brilhar minha testa  
Vamos lá em Nilton Barth  
Que hoje é Rock na Floresta!

**O ET  
DE SÃO JOÃO  
DA BALIZA**  
*(Baseado em histórias reais)*

Cabeça-de-Ovo ganhou  
Do povo muito respeito  
Pois no dia da eleição  
Venceu todo preconceito  
Num domingo de Jesus  
Foi eleito prefeito

Manoel continuou  
Nas bandas do Anauá  
E virou “adevogado”  
Mais tarde saiu de lá  
Ajudou muitas pessoas  
Depois foi pra Capitá.

E assim chego ao final  
De um caso muito contado  
Que conheci nas entranhas  
Lá por onde tive andado  
Do ET que virou prefeito  
O povo quis e tá feito  
Fica tudo aqui narrado.



# O Encontro de Mahunaima Com o Trio Roraimenseira



*O Encontro de Makunaima com Trio Roraimeira foi publicado em 2010 pela Editora Coqueiro no Recife. Um texto que comecei a escrever numa viagem de volta do Recife para Boa Vista com uma escala no Aeroporto de Salvador. Escrevi bastante àquela noite. Novamente um encontro do mito Makunaima, que particularmente, este se assemelha a ideia dos cordéis de José Costa Leite com o personagem Lampião. Uma personalidade da região que têm muitos encontros com outras figuras públicas para resolver um determinado problema. Aqui, a presença do cativante e inspirador Trio Roraimeira, um símbolo da identidade cultural de Roraima. Nas entrelinhas pelas últimas estrofes o Makunaima teria inspirado uma certa música para o terceto.*

# O Encontro de Makunaima Com o Trio Roraimeira

Puxo a punho minha pena  
E tracejo a redação  
Nas trilhas de buritis  
Vou construindo a canção  
Com o pensamento em Roraima  
Na serra de Paracaima  
Brota minha inspiração...

E assim caros leitores  
Narro encontro de primeira  
Acontecido no norte  
Da Amazônia brasileira  
Do lendário Makunaima  
Lá nas bandas de Roraima  
Com o grande trio Roraimeira

Numa bela noite de luz  
Que reluzia esse recanto  
Clamam vozes por cultura  
Expressa em forma de canto  
Era tudo uma alegria  
Ao som de uma melodia  
Suaves num acalanto

# O Encontro de Mahunaima Com o Trio Roraimeira

Pois era o trio Roraimeira  
Que para todos cantava  
Memórias de nossa gente  
Todo mundo acompanhava  
Poesias da nossa terra  
O rio, a mata e a serra  
Tristeza nem se pensava

O Roraimeira é composto  
Por cabras da região  
Foi formado pra escrever  
A cultura do rincão  
Disseminar as sementes  
As quais germinam ardentes  
Pelo calor deste chão

Cruviana trouxe Neuber  
Mestre que é u-cho-à parte  
Do buriti com farinha  
A maloca virou arte.

Na dança do Parixara  
De Paracaima ao Bonfim  
Veio cavalo selvagem  
Com o poeta Eliakim.

Zeca Preto cá chegou  
Em barcos de buriti  
O filho de Dona Neuza  
Resolveu viver aqui.

# O Encontro de Makunaima Com o Trio Roraimeira

Neuber mais Eliakim  
Com Zeca foram andando  
Pelas matas amazônicas  
Sua música cantando  
Reunindo fauna com flora  
E juntos a cada hora  
A terra iam louvando.

Quando repentinamente  
A luz pra todos brilhou  
O trio ficou assustado  
Mas o clarão não parou  
O calafrio arrebenta  
Makunaima se apresenta:  
– Quem impera aqui chegou!

Makunaima reconhece  
Os seus nobres menestréis  
E convida pra o melhor  
De todos os seus papéis:  
Rever a literatura  
Pra costumar a cultura  
De Roraima por cordéis

Os três fizeram bons votos  
E pararam pra escutar  
O que o deus da mata quis  
Para o terceto falar  
Makunaima foi falando  
E todo mundo prestando  
Atenção no seu ditar:

# O Encontro de Mahunaima Com o Trio Roraimenseira

“ - E o primeiro passo é  
Conhecer as redondilhas  
Desenvolver belas rimas  
Caminhando noutras milhas  
Pra assim num sopro inspirar  
Ter histórias pra contar  
Escrever novas cartilhas

Então abrir os caminhos  
Das mais novas gerações  
Nas quadras do parixara  
Acender os corações  
N'esquinas de romanceiros  
Rever os cancioneros  
Produzir novas canções

E precisamos também  
Fincar bandeiras nos lares  
Fortalecer as raízes  
Navegar os sete mares  
E ir buscar no passado  
Tudo o que nos foi deixado  
Das tradições populares

Vamos levar o cordel  
Pra escola e pra padaria  
Vamos para todo lado  
Seja noite, ou seja, dia  
Vamos fazer do cordel  
Não ser apenas papel  
Ou nova demagogia”

# O Encontro de Mahunaima Com o Trio Roraimeira

**ZECA PRETO:**

Serão cordéis do lavrado  
Vindos de grandes autores  
Pois nossos alunos de hoje  
Hão de ser grandes senhores  
De poesia de primeira  
E que é da arte Roraimeira  
Bamburrar nossos valores

**NEUBER UCHOA:**

Nas métricas do cordel  
Tem quadra e tem quadrão  
Tem décima e beira-mar  
Rimadas numa canção  
O cabra que faz sextilhas  
Sabe também das septilhas  
De martelo e de mourão

**ELIAKIM RUFINO:**

Educação é cultura  
Sem ela não sou ninguém  
O cordel ensina a ler  
Pra criança ser alguém  
Ele tem que ir pra escola  
Assim menino não cola  
E nosso Brasil dá Amém.

# O Encontro de Makunaima Com o Trio Roraimeira

O trio se prontificou  
Aprovou de coração  
Não deixou tempo correr  
E tomou o violão  
E se fez nesse momento  
Outro grande nascimento  
De uma brilhante canção

O Roraimeira saudou  
Poesia ao Makunaima  
E Makunaima inspirou  
A música de Roraima  
Por isso que Roraimeira  
É Prima cancioneira  
Do Equador à Paracaima

Corre o sangue da mistura  
Da cultura brasileira  
Unindo matas, sertões  
Rompendo qualquer fronteira  
E de repente o Brasil  
Navega apenas num rio  
Pelos clãs da Roraimeira

E hoje em todo festejo  
Makunaima lá está  
A escutar sua mensagem  
Correndo todo lugar  
Pelas vozes das pessoas  
Revivendo coisas boas  
Makunaimando a cantar

# O Encontro de Makunaima Com o Trio Roraimeira

E fica aqui meu registro  
Desse encontro de verdade  
Roraimeira e Makunaima  
Raiz e identidade  
Na terra que o sol impera  
Que o Brasil todo fizera  
Essa nova Sociedade

Roraima é um lindo estado  
O qual me ponho a cantar  
D aqui o mundo é mais verde  
R io é bem maior que mar  
I garapés correm chão  
G entes vivem emoção  
O melhor mesmo é morar!



# LAVRADEIRO



BRASIL - 2010

*A minha ideia em LAVRADEIRO era unir os primeiros textos que escrevi em Roraima, e fazer uma mini antologia. Textos sobre o rio Branco, Dorval de Magalhães, o futebol Roraimense, o Lavrado, ou seja, temas gerais de um estado para mim ainda desconhecido e que eu desbravava a partir do momento que escrevia sobre ele. Escrito em diferentes redondilhas do cordel, que eu começava a aprender e publicado em 2010 pela Editora Campos de Versos no Recife. Lavradeiro rima com Romanceiro.*

# LAVRADEIRO

Rio Branco da Boa Vista

Um rio nasce no Norte  
Lá na Serra do Caju  
De esquina com um Forte  
Abaixo do Surumu  
Onde o Uraricoera  
Encontra com Itacutu.

Lá desce a serra Grande  
Encontra o Mucajaí  
Muricis pelo caminho  
Até Caracaraí  
Caimbés também descendo  
Desde o rio Amajari.

Chamaram-no Rio Branco  
Da Matriz há boa vista  
Porque de lá esse rio  
Muito bonito se avista  
E a ponte dos Makuxis  
Sagrou-se grande conquista.

Dia quente, dia frio  
Na sua grande jornada  
O Rio Branco recebe  
Águas de outras moradas  
Atravessando o Cantá  
Passa a Boca da Estrada.

# LAVRADEIRO

Depois vem a Floresta  
Com bacabas e açais  
Cortando as campinaranas  
Como Deus assim bem quis  
No sul com o Anauá  
Trançado por buritis.

Saindo de Boa Vista  
A Veia toma o traçado  
Correndo altos e baixos  
Cruzando todo o estado  
Deságua no rio Negro  
Com o Amazonas formado.

Assim termina a verseja  
Desse rio do lavrado  
Maior que ele não há  
Tema tão bem acabado  
Votaria em Rio Branco  
Para o nome desse Estado.

## **Quadras ao Roraimeira**

Foi numa noite feliz  
Que a história começou  
A estrela desta terra  
No céu inteiro brilhou.  
Era o Trio Roraimeira  
Que mostrava o seu valor  
Cantando a nossa terra  
Makunaimando o amor.

# LAVRADEIRO

Cruviana trouxe Neuber  
Mestre que é u-cho-à parte  
Do buriti com farinha  
A maloca virou arte.

Na dança do Parixara  
De Paracaima ao Bonfim  
Veio o cavalo selvagem  
Com o poeta Eliakim.

Zeca Preto cá chegou  
Em barcos de buriti  
O filho de Dona Neuza  
Resolveu viver aqui.

Caimbé, Paraviana  
Parima, Mucajaí  
Damorida, Maracá  
Sorocaima, Makuxi.

O rio, a mata e a serra  
Ao som de uma melodia  
Boa Vista se rendeu  
E cantou com alegria.

E foram pelo Brasil  
Apresentando Roraima  
Mostrando a toda nação  
Com a benção de Makunaima.

Terra Preta, caxiri  
Boto, pesca, poesia  
Tepequém, Amajari

# LAVRADEIRO

Cantá, festa, harmonia...

## **Lavradense ou Dorval de Magalhães**

Guarde a luz boa-vistense  
Nesse povo roraimense  
Ó poeta lavradense  
Tome um verso em precisão  
Veloz como o coração  
Que bate no mesmo estalo  
Pois a todos venho e falo  
Nos enleios do quadrão!

Águia norte-brasileira  
A forte voz altaneira  
Seu mundo não há fronteira  
Herói de uma geração  
Áurea desta região  
Grão amante de Roraima  
Defensor do Paracaima  
Nos enleios do quadrão!

É como um barco no rio  
Vento silvando assobio  
Cruzando léguas a fio  
És luta e preservação  
Poesia e canção  
Plantador de buritis  
O verso baila feliz  
Nos enleios do quadrão!

# LAVRADEIRO

Uma lição magistral  
Flora, fauna, vendaval  
Grande Mestre Dorval  
És “lindo berço rincão”  
História e conservação  
De todos os roraimenses  
És o maior lavradense  
Nos enleios do quadrão!

## **BAREIMA no Canarinho!**

Boa tarde Makuxis  
Vamos cortando caminho  
No calor desta alegria  
Quero chegar rapidinho  
Que hoje em Boa Vista  
Tem Bareima no Canarinho!

De um lado o tricolor  
Que veio de Mecejana  
O Atlético Roraima  
Equipe cheia de gana  
Torcida canta contente  
O amor não se engana.

De outro lado o Baré  
O Índio da Consolata  
O mais quisto de Roraima  
A quem a vida lhe é grata  
Colorado lavradeiro  
Quer ouro não quer a prata.

# LAVRADEIRO

Para ver o grande clássico  
Vem gente de todo lado  
A torcida comparece  
Estádio fica lotado  
Makunaima já conhece  
Maior jogo do Estado!

Esta tarde de domingo  
Agita toda a cidade  
Ninguém quer ficar de fora  
Todos querem de verdade  
Participar deste evento  
Com paz e rivalidade.

Que o Bom Deus nunca permita  
Esse clássico findar  
Que nem nos outros estados  
Com a violência a mandar  
Que a gente saia de casa  
Pra nesse jogo vibrar.

Bandeiras que tremulam  
Fazem o povo cantar  
Sem times de outros estados  
Pra festa não estragar  
Quero times de Roraima  
Em todo Brasil brilhar.

# LAVRADEIRO

## Lavradeiro

O sol raiou na ribeira  
Nos sublimes do lugar  
Entre a terra e a fronteira  
Num lavradeiro a brilhar  
Verdes clãs da Roraimeira  
Que vêm sua arte mostrar!

Norte fruta teu sabor  
Vem mostrar tua beleza  
Desabrocha tua calor  
Sobre o Manto de pureza  
Que eu semeio teu calor  
Maracá minha riqueza

Mitos perdidos no rio  
Minas douradas do Norte  
Selvagem corcel bravio  
És diamante, pedra forte  
Cruviana vento frio  
Rasga a noite com seu corte

Sonha e canta Parimé  
Nas águas do teu encanto  
Me convida Igarapé  
Nas poéticas do canto  
Me lanço no Cauamé  
Num galope de acalanto.



# O BAILE DO JUDEU

(Adaptado da obra de Inglês de Souza)



RL

*Em 2010, minha escrita melhorava, eu já podia ler textos e visualizar a montagem de uma estrofe com facilidade. Daí, veio a ideia de adaptar um conto que gostava muito e que conhecera na época de preparação do Código Macunaíma. O Baile do Judeu, do Inglês de Souza. Eu, naquele momento, também sentia a necessidade de textos sobre o cotidiano amazônico, e este conto é bem Amazônico! Muita felicidade pela conclusão deste cordel, pois sentia que poderia fazer adaptações de textos, como faziam e fazem nossos grandes cordelistas. Sempre digo para as pessoas: leia o cordel, mas não deixe de ler o conto (que está disponível na internet), faça comparações, analise, e veja se concorda com os pequenos detalhes que omiti e que criei. Publicado pela Editora Coqueiro em 2011.*

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

Busquei na Literatura  
A história que vou contar  
E escrevi em sextilhas  
Pra melhor cordelizar  
Atenção caro leitor  
É hora de começar.

Numa vila da floresta  
Em que esse tempo não anda  
Onde velhos coronéis  
Têm a patente que manda  
E preza por bons costumes  
Que a Santa Igreja comanda

Vive uma jovem faceira  
Que expressa sua doçura  
Um talento de mulher  
Poranga por formosura  
Que mexe a cabeça de homens  
Sem dar chance para cura

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

Porém a bela Maria  
Tinha em si grande paixão  
Do apessoado Lulu  
De valente coração  
E se rendia aos encantos  
Deste jovem rapagão

Mas nesta cidadezinha  
Também vive outro valente  
Homem viúvo e sem filhos  
Que não se dá por contente  
Quer o coração da bela  
Neste momento presente

Seu nome é Bento de Arruda  
Um tenente-coronel  
Com tantos rogos, agrados  
Pôs na jovem um anel  
E mandou Lulu às favas  
E Maria casou de véu

Casório foi uma festa  
Alegria da vizinhança  
Muitos homens lamentaram  
Acabara a esperança  
Lulu arribou da vila  
Mas prometeu a vingança

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

E pouco tempo depois  
Ao normal tudo voltara  
No meio daquela paz  
Nenhum cristão mais lembrara  
Que um dia Lulu foi embora  
E que Maria se casara...

Já era chegado junho  
O Amazonas subira  
Ano de maior enchente  
Que na região se vira  
Havia engolido a praia  
E quase a rua cobrira

As águas subiram tanto  
Engolindo a ribanceira  
Estava tudo inundado  
Não se tinha mais ribeira  
E ninguém passava a pé  
Nem encostava na beira

E justo neste momento  
O Judeu comerciante  
Lembrou-se de dar um baile  
Mandou convite adiante  
Mas não chamou o vigário  
Só família importante

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

Era bem de se saber  
Por não chamar o vigário  
Representante católico  
Não entra num judiciário  
Nem o juiz de direito  
Por medo judiciário

Mas era de se supor  
Que ninguém acataria  
A convite tão escárnio  
De ir numa judiaria  
De assassinos de Jesus  
Para uma profanaria

Entretanto que no dia  
Muita coisa sucedeu  
Até hoje na cidade  
Ninguém sabe o que viveu  
E naquelas oito horas  
Foi o Baile do Judeu!

Os senhores e senhoras  
Estavam todos pra lá:  
O comissário das terras,  
O delegado do lar,  
O coletor, o agente...  
Os maiores do lugar

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

E quem não foi convidado  
Em frente da casa estava  
Abrilantada de luzes  
A todos iluminava  
A orquestra a tocar  
O baile assim começava

A orquestra se compunha  
De três membros tocadores  
E se puseram tocar  
Sem calcular os horrores  
Logo saíram da missa  
Para tocar sem pudores

(Contudo meses depois  
Foram logo castigados  
Que pelo amor ao dinheiro  
Tocaram sem ver pecados  
Um acabou na cadeia  
Os outros dois afogados)

Muit'se dançou nessa noite  
E muit'se bebeu também  
Todos encheram a cara  
E foram parar no além  
Outros ainda diziam  
Melhor que o baile não tem

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

A cerveja corria solta  
Deslizando pela sala  
Contentamento geral  
Que nem consciência fala  
Ninguém tinha mais deveres  
Tudo foi parar na vala

Flauta, viola e rabeca  
Incendiava o salão  
A orquestra não parava  
Era só animação  
Os convidados dançavam  
Numa só entonação

Mas entre todos do baile  
Um sorriso reluzia  
Com uma beleza faceira  
A noite virava dia  
A rainha incontestável  
Encantadora Maria

Que apesar de estar casada  
Não deixou de ser amável  
E sem dúvida nenhuma  
Um rubi inestimável  
Celestial faceirice  
Formosura deslumbrável

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

Se estavam todos felizes  
'Tinhuma' cara sortuda  
Porém ele não dançava  
Ficava de perna muda  
Encostado na parede  
Estava Bento de Arruda

Que de olhos apaixonados  
Sua esposa admirava  
No giro de seu vestido  
Um calafrio lhe causava  
Todo contente de amor  
Num suspiro confortava

O baile se encaminhava  
Pela noite enluarada  
Dança, comida e bebida  
A festa tava danada  
Mas lá pelas onze horas  
Vem uma estranha chegada

Todos se surpreenderam  
Com a entrada de um sujeito  
Feio, baixo, de casaco  
C'um chapéu de um sem respeito  
E com a gola levantada  
Que esconde o rosto direito

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

O cabra foi pela sala  
E tirou Dona Maria  
Para mais aquela dança  
No soar da cantoria  
Mas era só uma troça  
Todo povo já sorria

O rapaz caía de lado  
Preso a dama pela mão  
Ia os passos da mulher  
Numa grande animação  
Dona Maria não continha  
E sorria pelo salão

E Bento se perguntava  
Quem podia ser o rapaz?  
Mas de onde é que ele veio?  
E há quanto tempo faz?  
Se ele veio no vapor  
Deve ser jovem de paz

E a dança prosseguia  
E o trio mais não parava  
Muitos ainda sorriam  
Rabeca fri'cionava  
Mais alto era cantoria  
E o casal só dançava

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

Porém entre um passo e outro  
O figurão sacudia  
E dava guinchos estúrdios  
Sei nem o que parecia  
Já dançava fora de ordem  
Sabia nem o que fazia

A jovem a essa altura  
Sorridente já não era  
Não existia mais o fôlego  
Que já no início tivera  
E o rapaz não parava  
Nem se Seu Bento quisera

E o vozerio do trio  
Mais e mais enlouquecia  
Já era a quinta vez  
De uma mesma melodia  
Foi quando o cantador  
Emendou a que arrepiava

Todos foram ao delírio  
Vibrando pelo salão  
Pelo choro da rabeca  
Sonatas do violão  
E todos queriam ver  
Essa grande confusão

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

Pois a dança continua  
Maria nem mais respirava  
O rapaz com seus grunhidos  
E ninguém mais se agüentava  
Sté que enfim a orquestra  
Em um suave abafava

E entrava com uma valsa  
Simples e cadenciada  
Ao som da “Varsoviana”  
O casal rodopiava  
E num corpo preso ao outro  
Por todo salão girava

E a jovem dama estreita  
Preso no côncavo peito  
Já não sentia mais os pés  
Nem enxergava direito  
Os dois vultos turbilhavam  
Quando parou o sujeito

Foi quando chapéu caiu  
E deixou seu rosto nu  
Bento o olhou assustado  
Percebeu que era Lulu  
Mas ele não era homem  
Era sim um belzebu

# O BAILE DO JUDEU

*(Adaptado da obra de Inglês de Souza)*

Em vez do homem que era  
Tinha cabeça furada  
Agora era um grande boto  
A besta-fera assombrada  
Saiu arrastando a moça  
No meio da madrugada

Parou na frente de Bento  
E um grunhido soltou  
O tenente-coronel  
Se benzeu e afrouxou  
O boto cruzou a rua  
Levou Maria como sua  
E nas águas atufou

Bento de Arruda sumiu  
E ninguém sabe o que deu  
O povo não mais comenta  
E só finge que esqueceu  
Pois ninguém quis mais voltar  
Para os bailes do Judeu.

Assim encerra a verseja  
Dessa história da Floresta  
E esse ponto final  
É só o que pra nós resta  
Se é verdade ou mentira  
Tô bem longe dessa festa.



**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba**



**CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

*Publicado em 2011 pela Editora Coqueiro. É o terceiro encontro do Makunaima; agora com o herói do Amazonas, Ajuricaba, contra a biopirataria. O texto inicialmente foi inspirado na música Ajuri do grupo Raízes Caboclas do Amazonas. Este cordel me rendeu a primeira viagem para apresentação fora de Roraima. Aconteceu na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, que naquele tinha por tema o meio ambiente. Tudo a ver com o cordel! Então fui como um palestrante de Roraima para o Amazonas, e um palestrante do Amazonas veio para Roraima. O primeiro grande reconhecimento.*

**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba  
CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

É mais um dia em Roraima  
O sol reveste o lavrado  
A floresta permanece  
Sempre com muito cuidado  
E o rio Branco reflete  
O firmamento azulado

Aproveito ocasião  
Para uma história contar  
Escrita neste rincão  
Que está bem longe do mar  
Atenção, caro leitor  
Agora vou começar

**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba  
CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

E é quando Makunaima  
Descendo o Uraricoera  
Por que quer realizar  
Um dos sonhos que tivera  
Desembarcar em Manaus  
E terminar longa espera

Vai levando na bagagem  
Peixe, rede e bacaba  
Ao encontrar o rio Negro  
A ansiedade acaba  
Pois bem sabe que está perto  
De rever Ajuricaba

E os fins para este encontro  
De importante honraria  
É juntar todas as forças  
E mostrar soberania  
Proteger nossa Amazônia  
Da tal biopirataria

O heróico Ajuricaba  
É um tuxaua guerreiro  
Maior da Nação Manaos  
É líder do povo inteiro  
Luta pela liberdade  
Do seu lugar verdadeiro

**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba  
CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

É nosso maior exemplo  
Ante invasor português  
De exploração e cobiça  
Que houveram naquela vez  
E neste tempo presente  
Tudo aquilo se refez

Pois biopirataria  
Veio com o descobrimento  
E levaram pau-brasil  
Começou nosso tormento  
Dizimaram nossas tribos  
Aumentou o sofrimento

Invadiram nossos lares  
Impondo a escravidão  
Roubaram nossas florestas  
Numa grande exploração  
Levaram nosso saber  
Covarde apropriação

E assim se apropriaram  
Dos recursos naturais  
Exploraram nossa terra  
Com práticas imorais  
Destruíram nossa casa  
Por multinacionais

**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba  
CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

Nossa flora e nossa fauna  
Estão sendo cobiçadas  
Pelo grande contrabando  
Dentro das nossas moradas  
Que sem lei de proteção  
Se tornam ameaçadas

Foi assim que aconteceu  
Com a leitosa seringueira  
Levaram suas sementes  
Cruzando nossa fronteira  
Que cresceu em outra terra  
Acabou a borracheira

Temos que ter atenção  
Dos registros e patentes  
Cupuaçu, andiroba  
As quais são marcas recentes  
Açaí e copaíba  
Também se fazem presentes

E assim Ajuricaba  
E Makunaima se uniram  
Juntos seguiram em frente  
E no planalto subiram  
Na Capital Federal  
O apoio conseguiram

**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba  
CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

Foram pra Nova Iorque  
Na sede geral da ONU  
Junto com muitos países  
E também Yoko Ono  
Discursaram na plenária  
Mas não deixaram abono

Makunaima (MK):  
São os países mais ricos  
Verdadeiros terroristas  
Contrabandeia espécies  
Tais como ambientalistas  
Depois botam as patentes  
Biogrilos capitalistas

Ajuricaba (AC):  
Temos a exploração  
Das riquezas da Amazônia  
E justo neste postigo  
Robertão cantou insônia  
Matanças, crimes e tráfico  
Herdos do Brasil Colônia

AC: Enquanto nossos políticos  
Olham para os seus umbigos  
Amazônia das riquezas  
Abriga grandes perigos  
Nem vemos o nosso verde  
Que já são dos inimigos

**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba  
CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

MK: Passando pelo rio Branco  
Depois de Santa Maria  
Por lá tem um povo estranho  
Em uma grande euforia  
Um pessoal todo louro  
É tudo da gringaria

AC: Vem gente de todo canto  
E diz que é pesquisador  
Iludindo todo mundo  
E promete toda cor  
Enche seus bolsos de grana  
E nos deixa muita dor

MK: Temos é que dar um basta  
Em toda essa confusão  
Que levou nossa história  
Nossa casa, o rincão  
Destruiu as nossas vidas  
Dominaram nosso chão

AC: E quantas tribos se foram  
Mesmo depois de lutar  
Tão unidas pelo verde  
Pelas vidas, seu lugar  
E que só restou apenas  
Este chão pra descansar

**O Encontro de  
Makunaima  
com Ajuricaba  
CONTRA A  
BIOPIRATARIA**

MK: Aqui é nosso lugar  
Identidade no chão  
Caminho de nossa vida  
Acordes de uma canção  
Verde da nossa bandeira  
O bater do coração.

Inspirado na canção Ajuri do grupo  
Raízes Caboclas do Amazonas

Boa Vista, 1º de setembro de 2011.



## Para toda rima saudade

Eu fui um homem de Deus  
Da fé cristão ou ateu  
Fui o mal da minha vida  
Que num verão ou inverno  
Desci até o inferno  
Mas o bem marcou ferida.

Eu fui mais um viajante  
Por entre o mundo andante  
Marquei a identidade  
Busquei um significado  
Antes jamais encontrado  
Pra toda rima saudade.

Entre o tempo e o espaço  
Com passado em cada passo  
Perdido em cada canção  
Num rio em cada ponte  
Cruzei qualquer horizonte  
Quantos enganos virão.

Sendo assim tão de repente  
Um verso em cada semente  
Fiz sombra para verdade  
Enfim larguei a Vitória  
Mas sempre busquei a Glória  
Pra toda rima saudade.





## Entre um café e um cordel



Acordei na madrugada  
E logo me pus de pé  
Caminhei por toda casa  
Fiz e tomei um café  
Olhei a barba crescida  
Recordei a nossa ida  
Àquele antigo chalé.

Achei um pequeno livro  
E rapidamente o li  
Ele contava de um povo  
Num lugar onde vivi  
Algo sobre escravidão  
Com planta seca no chão  
Naquele instante revi.

E neste pequeno tempo  
Percebi a minha vida  
Num lugar mais adiante  
Me servindo de saída  
Planos presos no papel  
Entre um café e cordel  
Eu sonhei com a minha ida.



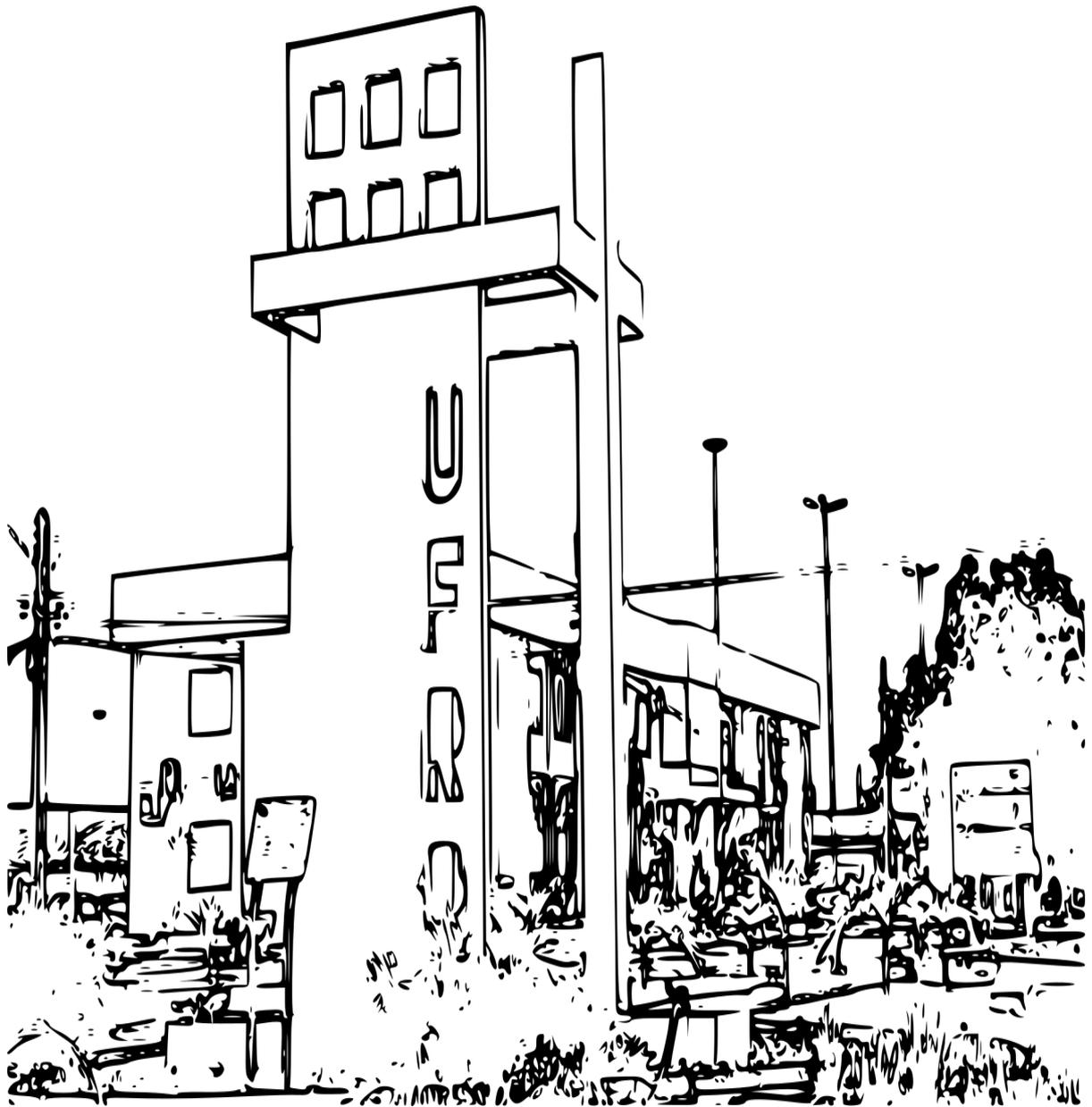
# Juquira

Juquira braba no mato  
É um lençol espinhento  
É um calor sem ter vento  
Cipó é unha de gato  
Paçoca fria no prato  
O sol quente é embaraço  
É uma foice no braço  
É o dia sem beber  
Vendo a canela tremer  
Num escaldar do mormaço.





# História da UFRR



*História da Universidade Federal de Roraima, foi confeccionado para uma campanha de reitoria desta Universidade. O amigo Linoberg, Professor das Ciências Sociais, me convidou para escrever este cordel que ele mesmo havia organizado o roteiro. Aceitei na hora. Era um cordel sobre a história de uma instituição tão importante e querida para Roraima, praticamente uma biografia de um cidadão roraimense. Para mim, foi uma honra ter conhecido e cordelizado esta história. Dedico em homenagem aos amigos funcionários e estudantes da UFRR.*

# **História da UFRR**

Roteiro: Prof. Linoberg Almeida

A geração roraimense  
Migrou a outros estados  
Em busca de formação  
E de novos resultados  
Foram morar com parentes  
Sendo novos residentes  
Com seus quartos alugados.

Mas foi em 89  
Que por meio de um decreto  
Veio existir de fato  
O que já era correto  
A nossa Universidade  
Mesmo sem propriedade  
Para se fazer concreto.

E bem no fundo de um prédio  
Sem qualquer material  
Na garagem da DEMEC  
Sem um plano estrutural  
Funcionou na vontade  
Com um grupo de verdade  
Uma lição sem igual.

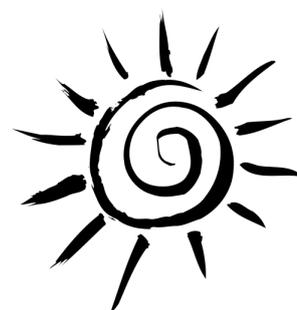
# História da UFRR

Os primeiros professores  
Vindos de todo Brasil  
Arregaçaram as mangas  
E assim se construiu  
Cumprindo seu calendário  
Por bravos visionários  
Então do papel saiu.

E os primeiros alunos  
Vieram incorporados  
De uma outra fundação  
Ond'eram matriculados  
Mas trago nesta memória  
Eram do curso d'História  
Estão aqui registrados.

E com as licenciaturas  
Ao público atendia  
Física e Matemática  
Química, Biologia  
Foram assim precursores  
Para formar professores  
Letras e Geografia.

E tudo funcionava  
Em apenas um lugar  
O Administrativo  
PJ, RH  
Foi tudo no bloco I  
Porém não tinha nenhum  
Que fosse desanimar.



# **História da UFRR**

Depois veio bloco II  
Comprovando crescimento  
E com acordos do governo  
Bem como investimento  
Melhor acomodação  
Começou ampliação  
Bem aqui neste momento.

Os alunos carregavam  
As cadeiras pela mão  
De uma sala para outra  
Para ouvir cada lição  
Sala sem ventilador  
Dominava tal calor  
Também sentavam no chão.

Mas nada tirou o ânimo  
E outros cursos vieram  
E com atrasos de salário  
Eles assim estiveram  
Por aqueles longos meses  
Embora que tantas vezes  
Por sonhos se mantiveram.

Veio colação de grau  
Especialização  
E sem muita estrutura  
Interiorização  
Mas em cada município  
Nós deixamos o princípio  
Desta Instituição.

# **História da UFRR**

Nessa época o Banco  
Vinha fazer pagamento  
Cá na Universidade  
Já é saudoso momento  
Nós na fila conversando  
E quase sempre pensando  
Em levar conhecimento.

Viagens na “Marinete”  
Por todas essas estradas  
Cruzando muitas fronteiras  
Muitas delas desbravadas  
Foi até muito audaz  
Chegou em Porto Ordaz  
Na maior das empreitadas.

Uma comissão pra Cuba  
Na América Central  
Fechou uma parceria  
Acordo fundamental  
Vieram Mestres, Doutores  
Ajudaram professores  
Seguindo mesmo ideal.

Naquela época já tínhamos  
Alcançado improvável  
Numa região de lagos  
Fez-se inimaginável  
Bem no meio da savana  
O Campus Paricarana  
O tesouro mais notável.

# **História da UFRR**

E vem a Agronomia  
Na terra do caimbé  
Mais Escola Agrotécnica  
Doação de muita fé  
Ampliou nossa visão  
Também consolidação  
Do Campus do Cauamé.

Veio a guerra do Golfo  
E marcamos nossa vez  
Invadimos outro prédio  
Nascia o bloco III  
Também o Aplicação  
E creche pra criação  
Bem melhor a cada mês.

Investimos qualidade  
Agora com pés no chão  
Mestrado e doutorado  
É a capacitação  
Professores que voltaram  
Já outros não retornaram  
Mas valeu a intenção.

Cursos vão sendo criados  
Espaços são necessários  
Mais laboratórios  
São mais que prioritários  
Convênios e docentes  
É crescente os discentes  
Bem como funcionários.

# **História da UFRR**

Bloco IV - Medicina  
E também interventor  
Vem as eleições diretas  
Pra cargo de diretor  
Se já tinha autonomia  
Veio a democracia  
E votamos pra reitor.

Reforma para os blocos  
Mudança da reitoria  
Gestão vai pra Ville Roy  
E nas salas, melhoria  
Vários projetos vieram  
E eles sempre tiveram  
Um novo sol cada dia.

E veio primeiro projeto  
De voz intercultural  
Aos professores indígenas  
Com traço especial  
Tez multidisciplinar  
Hoje podemos falar:  
Insikiran é real!

E renasce a Agrotécnica  
Trazendo nova visão  
No Campus do Murupu  
Com povo da região  
Conhecimentos locais  
Novos profissionais  
Temos mais uma missão.

# **História da UFRR**

Aos amigos que se foram  
Quero aqui lembrar  
Mas eu tomarei cuidado  
Para não deixar faltar  
Seu Carlos, o motorista  
E Rafael, um artista  
Quero logo ressaltar.

Nosso Alexandre Borges  
Professor Saul Francisco  
Erwin Frank é a Praça  
Deixo aqui asterisco  
E a Auxiliadora  
Era nossa professora  
Com Fernando traço risco.

Agora com os três Campi  
Fincamos os nossos pés  
Vivemos experiências  
Sem fraquejar com revés  
O estado de Roraima  
A terra de Makunaima  
Reconhece quem tu és.

Hoje, um novo momento  
Prédios e computadores  
Novas salas e concursos  
Técnicos, professores  
Mestrados e doutorados  
Todos bem consolidados  
São nossos grandes valores.

# **História da UFRR**

Alojamentos, convênios  
Coral, banda, capoeira  
Mais inclusão social  
E vivência estrangeira  
Ressocialização  
Foco na educação  
Vencemos qualquer barreira.

E cuidamos da saúde  
De toda a Academia  
Enfermeiros e dentistas  
Assim como se queria  
Vive bem o servidor  
E trabalha sim, senhor  
Com muito mais alegria.

Colação de grau na casa  
Congressos e seminários  
Shows e comemorações  
Seguindo os calendários  
Eventos nacionais  
E internacionais  
Já são extraordinários.

Brasileiros, estrangeiros  
Nos conhecem muito bem  
E traçam novo caminho  
Ao futuro que já vem  
Enfim a pluralidade  
É a Universidade  
O mais valioso bem!

# **História da UFRR**

Eis aqui semeadores  
Que guardaram seu tesouro  
E plantaram as sementes  
Como no chão tem o ouro  
Fincaram seu coração  
Marcando esta lição  
Sentimento duradouro.

Enfim esta nossa história  
Que vivemos bem atrás  
E cada próximo passo  
Agora você que faz  
Escreva bem detalhado  
Pois a quem puxa o arado  
Não deve olhar pra trás.

Boa Vista do rio Branco, Setembro de 2015.



**Um encontro  
com seu **Xarute**  
na **Feira do Passarão****



**LITERATURA DE CORDEL**

*Para mim foi um momento muito especial ter conhecido o poeta Xarute, apelido do simpático sr. Alberto Francisco. Ler seus cordéis e ouvir suas histórias eram muito prazerosos. Muitas vezes no caminho de volta pra casa, eu pensava que os grandes cordelistas do passado deviam ser como ele. Pessoas simples, naturalmente poetas e sorridentes, apesar dos problemas da vida. Sempre me deu muita visão da vida conversar com seu Xarute, o maior cordelista de Roraima. Verso rápido, rima certa. De simples notícias no jornal ou na rádio podia desenrolar um grande romance de cordel. Hoje, seu Xarute reside no Ceará, sua Terra Natal.*

## **Um encontro com seu Xarute na Feira do Passarão**

Das conversas que tive com o ilustre Xarute.

Boa Vista ferve no asfalto  
O Sol provoca rachão  
É uma chama no Lavrado  
Uma fonte de inspiração  
Então dou assim início  
Para um encontro simplicio  
Na Feira do Passarão

É manhã ensolarada  
E vou saindo cedinho  
Cruzando a Praça das Águas  
Para encurtar o caminho  
Quebro pela Mário Homem  
Sigo onde os destinos somem  
Chego lá bem rapidinho

Vou de encontro ao amigo  
Que tem alma de artista  
Um nobre trabalhador  
Grande nome cordelista  
De bondoso coração  
Traz consigo tradição  
Encanta nossa Boa Vista

**Um encontro  
com seu Xarute  
na Feira do Passarão**

Ele tem o dom da escrita  
Que lhe faz enriquecido  
Pessoa do nosso povo  
Que não se dá por vencido  
Inspiração dum corisco  
Ele é Alberto Francisco  
Por Xarute conhecido

Ao chegar ao Passarão  
Dou um abraço no amigo  
Faço do bom dia um verso  
Presto atenção no que digo  
Sei que não fui esquecido  
Com festa sou recebido  
– Bem vindo seja Rodrigo!

**XARUTE:**

Nunca mais tinha lhe visto  
Bom que você pode vir  
Pensei que tinha esquecido  
De como chegar aqui  
Quero contar uma história  
E guarde bem na memória  
Coisas boas que vivi

Quero contar pra você  
Contos desse meu chapéu  
Anote tudo que digo  
Pra registro no papel  
Esta história é antiga  
Da época em que uma cantiga  
Se tirava de um cordel

**Um encontro  
com seu Xarute  
na Feira do Passarão**

Quando eu era um menino  
Meu pai comprava os romances  
Ele e minha mãe cantavam  
Cada um em cada lance  
Foi assim como aprendiz  
Que da poesia eu fiz  
Minha vida como alcance

Eu ia às feiras e via  
Cantadores de viola  
Naquele tempo não tinha  
Rádio, TV e vitrola  
O cordel era cartilha  
Pra quem quis seguir na trilha  
Era o que tinha n'escola

A vida era muito simples  
Mas era também feliz  
Nas festas tinha Reizado  
Forró, cordel que é raiz  
Mas minha vontade era  
Viver outra primavera  
Conhecer o meu país

E parti do Ceará  
Beijeí o Acaraú  
Guardei todas as lembranças  
Dentro de um velho baú  
E desenhei meu traçado  
Desci o Brasil no lado  
E fui ver como era o Sul

**Um encontro  
com seu Xarute  
na Feira do Passarão**

Fazendo caminho a pé  
Recitei uma poesia  
Quando peguei uma carona  
Viajei numa cantoria  
Conheci muitas pessoas  
Sempre deixei coisas boas  
Fiz do verso melodia

Das andanças que vivi  
Eu tive pouca insônia  
Trabalhava pra o sustento  
Não tinha “pandemônia”  
Pela honra trabalhei  
Suor na terra deixei  
E vim parar na Amazônia

Em 90 aqui cheguei  
E fui para o sul do estado  
Em São João da Baliza  
Achei lugar adequado  
Costumei roça e cordel  
Cumpri bem o meu papel  
Isso ficou no passado

Comecei contando causos  
Que lembrei de antigamente  
Histórias do dia a dia  
Tudo ficava contente  
Farinha vinda da roça  
Festa e dança na palhoça  
Conversas de nossa gente

**Um encontro  
com seu Xarute  
na Feira do Passarão**

Depois vim para Boa Vista  
E cheguei ao Passarão  
Aqui montei meu comércio  
Finquei meu pé neste chão  
Tem muita gente d'agreste  
Ô povo cabra da peste  
De Sergipe ao Maranhão

**RODRIGO:**

Pois então, meu velho amigo  
Nas palavras vá com calma  
Pra não correr o perigo  
De eu perder essa palma  
Peço, não fale ligeiro  
Qu'eu anoto por inteiro  
O que vem de sua alma

**XARUTE:**

Aqui na bela Boa Vista  
Plantei o meu coração  
Falo do cotidiano  
Lenda, caso e canção  
Contos que vêm chegando  
No papel vou desenhando  
Vou construindo refrão

**Um encontro  
com seu Xarute  
na Feira do Passarão**

RODRIGO:

Viesse do Acaraú  
Seguindo rumo do vento  
Deixasse tudo pra trás  
E fizesse novo invento  
Vejo quanto dói no peito  
A vida tem seu respeito  
Cada passo um movimento

De cada passo vem verso  
Em cada verso com-passo  
Desse canto poesia  
Em cada canto que faço  
Resolvi cantar a vida  
Que descobri escondida  
E cada estrofe refaço

**Um encontro  
com seu Xarute  
na Feira do Passarão**

**XARUTE:**

E assim deixo registro  
N esse mundo que vim ver  
C om a graça de Deus no céu  
O tesouro que é viver  
N ão deixe a hora passar  
T udo tem que caminhar  
R O go também por você

R espire cada momento  
O dia que sempre levanta  
D esperte a sua vontade  
R egue e sinta cada planta  
I magine o vencer  
G rite-a para esconder  
O silêncio que espanta

**RODRIGO:**

E lance o Rei cada cor  
X eque mate na cruzada  
A rmas vagam galopantes  
R ainha está apontada  
U m cardeal sinaliza  
T orre bem firme avisa  
E ncerra mais uma jogada.

Boa Vista do rio Branco, julho de 2012.





A  
CANTIGA  
DE

LUIS FELIPE  
&  
JULIA

*Em 2012, meus amigos Luís Felipe e Júlia resolveram oficializar sua união. E perguntaram se poderia fazer um cordel da história deles. Eu disse que sim, mas precisávamos conversar. Conversamos e fui anotando. No dia que estava a findar o cordel, estava passando na TV o filme Shakespeare Apaixonado, daí veio a ideia de reformular a história criando a cantiga como ponto máximo. Fiz algumas modificações do original da lembrança do casamento. Mas é isso, Boa Vista é ponto de encontro e reencontro de casais.*

A  
CANTIGA  
DE LUIS FELIPE  
&  
JULIA

Desta vez venho contar  
Um romance com emoção  
História de duas vidas  
Um exemplo de união  
Onde amor e amizade  
Testemunham a verdade  
Formando um só coração.

Dois jovens com grandes sonhos  
De forte cumplicidade  
Trazem brilho e alegria  
Cultivam sua humildade  
E resgatam a memória  
Relembrando sua história  
Narro com veracidade.

Piracicaba é Veneza  
O nosso pano de fundo  
É a estação de inverno  
De intenso brilho profundo  
Que floresce sentimento  
No primeiro cumprimento  
Como coisa de outro mundo.

A  
CANTIGA  
DE LUIS FELIPE  
&  
JULIA



*De você sei quase nada. Para onde vai ou porque veio.*

- Zeca Baleiro

Luís Felipe & Julia  
'Ma noite se conheceram  
Por amigas em comum  
As pernas estremeceram  
Foi lá no bar do João  
Festa e aperto de mão  
E logo amor perceberam.

Porém o primeiro beijo  
Só veio um tempo depois  
Na República Mococa  
E marcando amor dos dois  
Numa festa de estudante  
Com sonhos sempre adiante  
Assim conto como foi.

E no sofá a conversa  
Começa mas não acaba  
Julia fala de cultura  
Felipe num tom desaba:  
Também trago tradição  
Do povo tenho lição  
A cultura da goiaba!

O beijo marcou início  
Introduzindo a canção  
O namoro seguiu firme  
Assumindo uma paixão  
Julia conta sua vida  
Felipe a tem por querida  
E conhece seu paizão.

A  
CANTIGA  
DE LUIS FELIPE  
&  
JULIA



*Is this love that I'm feeling?*

- Bob Marley

Cheio de alegria e força  
O romance floresceu  
Dias seguintes vieram  
O casal fortaleceu  
Viagens e cachoeiras  
Que marcam vidas inteiras  
A semente concebeu.

Sul de Minas e Floripa  
Em viagens na saveiro  
Também foram à Brasília  
Chapada dos veadeiros  
Em Franca, nas Capotinhas  
Outra no mundo não tinha  
Para jurar verdadeiro.

Depois de tantas escritas  
'Ma nova página veio  
Pois foi em 2008  
Que ela partiu sem receio  
Julia vei'a Boa Vista  
Por Internacionalista  
Assumiu sem titubeio.

Felipe ainda ficara  
Estudando seu Mestrado  
Ela sofria saudades  
Sem esquecer seu amado  
Mas o tempo assim passou  
Felipe bem que tentou  
Mas não teve resultado.

A  
CANTIGA  
DE LUIS FELIPE  
&  
JULIA

Júlia: Felipe cadê você?  
Nem planeje me enrolar  
Pois termine esse mestrado  
E arrede já pra cá  
Que já é a nossa hora  
Não invente mais demora  
Porque quero me casar!

Mas Felipe percebeu  
Que tal hora não chegara  
Ele estava em Manaus  
E Julia não aceitara  
A sinfonia quebrou  
A natureza hibernou  
A semente não vingara?!

A tristeza foi geral  
Até para o repentista  
Amigos e a família  
Todo mundo entrou na lista  
Felipe curtiu Manaus  
Julia também fez um caos  
E que mudou Boa Vista.

*Graças a Deus minha vida mudou.  
Quem me viu, quem me vê. A tristeza acabou.-  
Cartola.*

Final de 2010  
Nossa dama percebeu  
Vida sem objetivo  
E sem ter o que era seu  
A tristeza superou  
Sentido reencontrou  
E ele reconheceu.

A  
CANTIGA  
DE LUIS FELIPE  
&  
JULIA

Mas o pai forçou cabresto  
E no cabra deu sacode  
Ele não viu outro jeito  
E escapou como pode  
Ao sogrão fez juramento  
Não ousou descumprimento  
E foi beber no pagode.

E veio 2012  
Um concurso anunciou  
E num sopro de coragem  
O casamento marcou  
No rio bateu banzeiro  
Felipe marcou terreiro  
Pegou na veia, enxertou!

Luís Felipe: E no passo dessa sina  
Em que eu encontro você  
Transformando a minha vida  
Como num livro que lê  
Demonstro meu sentimento  
E trago neste momento  
Tal cantiga pra você:

A  
CANTIGA  
DE LUIS FELIPE  
&  
JULIA

**A CANTIGA**

Esta é a mulher que tenho por senhor,  
É a dona de minha vida, minha coita de amor.

A vida me fez canção  
Trouxe-me o seu sorriso  
Assim nada mais preciso  
Eu canto com o coração.

São os teus olhos que busco a brilhar  
És a fração de segundo no meu palpitar.

O sino toc`àloar  
Soam vozes pelo céu  
Trago a canção no papel  
Assim eu hei de trovar.

Em minha casa eis de reinar  
És meu bem, minha luz, meu inspirar.

Neste jardim plantarei  
Reluz vida aos meus amores  
Pelos verdes, as suas flores  
Que deste amor colherei.

A  
CANTIGA  
DE LUIS FELIPE  
&  
JULIA

**FINAIS**

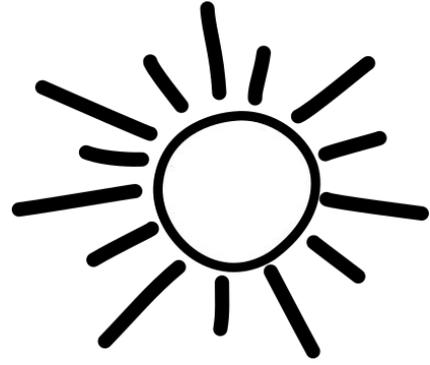
Assim nasceu o amor  
Pra quem não acreditava  
Ele estava por aí  
E ela nem procurava  
Num abraço carinhoso  
Ele tranquilo e teimoso  
Ela agoniada e brava.

Essa cantiga prossegue  
Do jeito que começou.  
Sei que você encontrou  
Um chuvisco que lhe regue.  
Se não for amor eu cegue  
O que acabei de rimar  
Então irei lhes falar  
O percebido por mim:  
Sem início e sem fim  
A paixão que aqui vigora  
Os dois juntos toda hora  
Queria um amor assim.

Boa Vista do rio Branco,  
Dezembro de 2012



## Fim de tarde



É que todo fim de tarde  
Atravesso quarteirão  
E vou seguindo a pé  
Pelo sombreado chão  
São duas praças na ida  
Sigo firme avenida  
E avisto o portão.

Me deparo com as árvores  
E toda simplicidade  
Com os pássaros em volta  
Numa esquina sem grades  
Essa casa não é grande  
Mas parece que expande  
Com tamanha humildade.

São apenas uns minutos  
Que fico a avistar  
E até virar as costas  
Olho pra trás pra guardar  
A casa era assim  
Sem muros e com jardim  
Pra mim um belo lugar.



## Pelos campos do rio Branco

Neste sol do meio-dia  
À sombra de um tapiri  
Ao som das ondas do rio  
Escrevi versos pra ti  
Eu contei a nossa história  
O prazer de estar aqui.

Era manhã de janeiro  
Caju colorindo estrada  
Arrebol na serra Grande  
No despertar da alvorada  
Passeio a barco no rio  
Pela tarde ensolarada.

Neste dia vi os pássaros  
Em cantata nas palmeiras  
A pesca de tambaqui  
Canoando nas ribeiras  
Carne seca com farinha  
Paçocando pelas feiras.

Nas margens do Cauamé  
Vi flor de paricarana  
Tamanduás e veados  
Reinando pela savana  
Igarapés e lagoas  
Por toda Paraviana.



Em minha capitiana  
Li romances de Nenê  
Poesias de Dorval  
Histórias de Aimberê

Registros de Olavo Braga  
Pôr-do-sol na Meremê.

Segui caminho do rio  
Avistei toda cidade  
Nas trilhas de buritis  
Das lendas, realidade  
Na serra de Nova Olinda  
Fiz amigos de verdade.

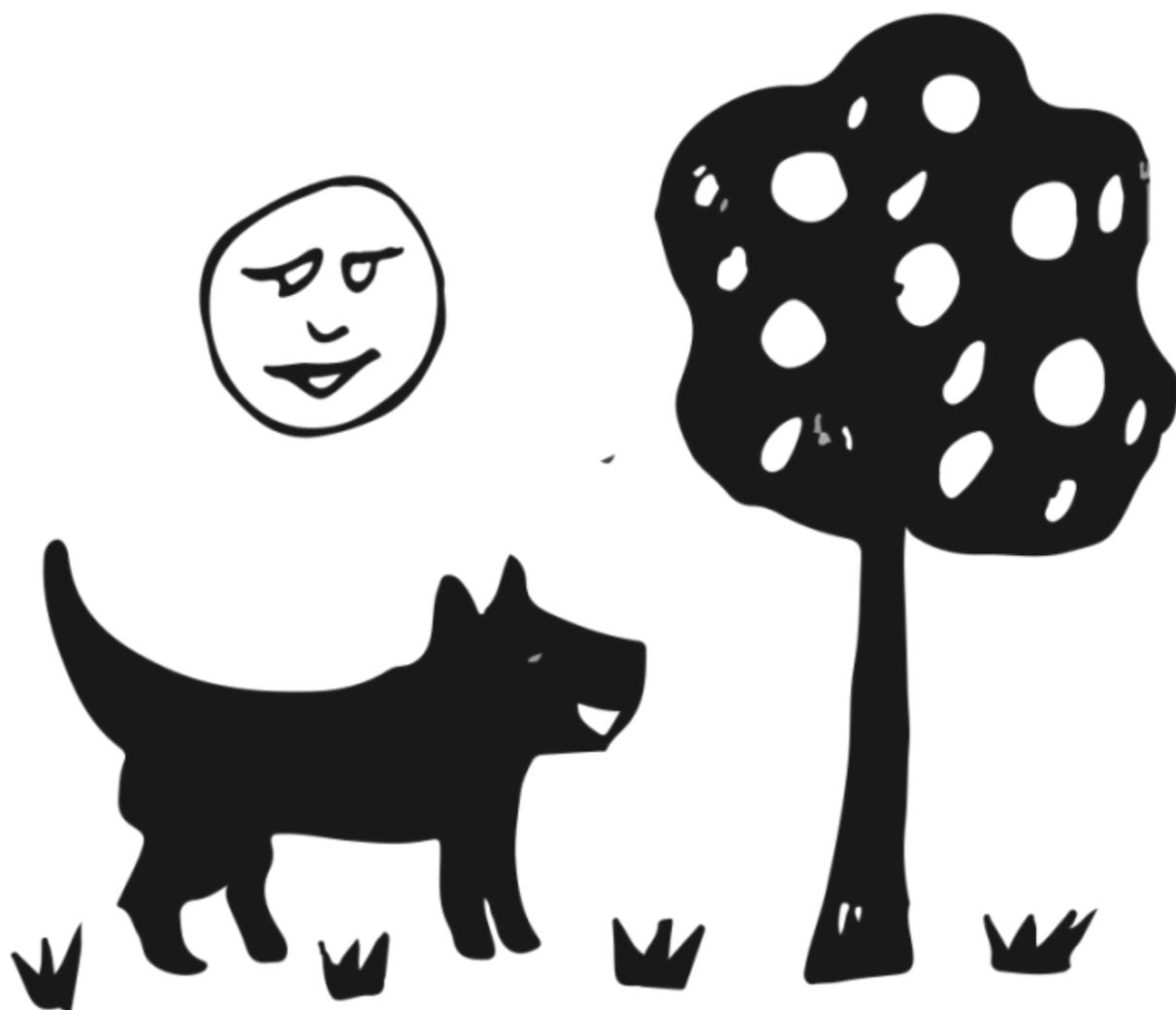
Vi o Brasil no teu rosto  
Em crianças a cantar  
Estudantes nas escolas  
Pessoas a passear  
Caminhei pelo teu verde  
E achei alguém pra amar.

Vi as luzes no teu céu  
Como naquela canção  
Em encontro de avenidas  
Num giro teu coração  
Cruzando tuas igrejas  
Como em uma oração.

Enfim a lua chegou  
Cá nesta noite estrelada  
O céu inteiro brilhou  
Ao longo da madrugada  
Quando cantei Roraimeira  
Pela rua iluminada.



**LITERATURA DE CORDEL**  
**O cachorro**  
**PETELECO**



*Em 2013, conheci a verdadeira amizade com um cachorro. Experiência nunca antes vivida. Aprendi a ver o Peteleco como um parceiro, um amigo.*

# O cachorro **PETELECO**

**“In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti”**

Vou contar do meu cachorro  
Que foi um grande amigo  
Bem fiel e companheiro  
Tão gentil e valentão  
Era muito carinhoso  
E com um belo coração.

O Peteleco nasceu  
Não sei bem como explicar  
Dizem que ele apareceu  
Na matilha de danar  
Seu destino sucedeu  
Para ser dono do lar.

E Fernanda o conheceu  
Quando uma casa comprou  
Peteleco estava lá  
E ela logo adotou  
Bem ele a acolheu  
E o amor começou.

# O cachorro **PETELECO**

Logo foram companheiros  
E surgiu a amizade  
Do guardião e a dona  
E também fraternidade  
À mãe e o seu filhote  
Amor e felicidade.

Nos momentos mais difíceis  
Viveram alegrias  
Espantaram solidões  
Com as tão fortes companhias  
A tristeza não cabia  
Nem tão pouco as agonias.

Depois veio o Pingüim  
Cachorrinho tão danado  
Porém muito queridinho  
E também muito engraçado  
E junto com Peteleco  
Deixavam tudo animado.

Peteleco mais Pingüim  
Tiveram as aventuras  
Nas ruas do Caçari  
Aprontavam diabruras  
Era tamanha zoadã  
Que abalava as estruturas.

# O cachorro **PETELECO**

Corriam para todo lado  
Sem ter um destino certo  
Quem conhecia esses dois  
Não queria chegar perto  
Eram tantas confusões  
Que parecia tudo incerto.

Um dia ele apareceu  
Com seu olho machucado  
Estava com muito inchaço  
Que me deixou preocupado  
Chamei Dra. Rita  
Tudo foi solucionado.

No quintal era bagunça  
Fuzuê desmantelado  
E tinha tantos buracos  
Com tudo desarrumado  
Mais cocô pra todo canto  
Tudo desorganizado.

Porém um dia Peteleco  
Começou mostrar tristeza  
E ficava bem quietinho  
Sem mostrar sua braveza  
Foi também emagrecendo  
Não nos dando mais firmeza.

# O cachorro **PETELECO**

A raça do valentão  
Tornou-se mansidão  
E seu sorriso bonito  
Foi perdendo sua vontade  
Seu latido e seu abraço  
Agora guardo saudade.

Conheci o Peteleco  
Numa noite iluminada  
Ele bravo e ciumento  
Pela minha namorada  
Mas logo fiz amizade  
E ganhei um camarada.

Ele me deu sua patinha  
E o chamei de filhão  
Nos recebia todo dia  
Quando abria o portão  
O sentinela da entrada  
Era assim o nosso cão.

Mas um dia ele se foi  
Uma tristeza sem igual  
O enterramos no meio  
Do seu querido quintal  
E sussurrei em latim  
Pois tinha que ser assim  
Com o meu cão super legal.

# O cachorro **PETELECO**

E aqui nesta sua casa  
Ele permanecerá  
Guardando o seu jardim  
Como também do seu lar  
Agora o faço mascote  
Da cultura popular.

Assim fica registrado  
Um pouco do nosso cão  
Na poesia de Roraima  
Escrita neste borrão  
Fecho assim este cordel  
E desenho no papel  
Peteleco Queridão!

Boa Vista do Rio Branco, 19 de novembro de 2013.  
Dia do Cordelista.



# **ISABEL**

**E o mundo à sua frente.**



**LITERATURA DE CORDEL**

*Isabel e o mundo à sua frente é uma aposta, uma nova forma de escrever cordel. Soube outro dia que o escritor por vezes não tem domínio do tema que escreve. Ele não sabe o que vai pensar na sequência da história. Neste texto, acho que eu o escrevi de diferentes formas, diferentes pontos de vistas e encontrei o resultado meses depois quando achei que as histórias eram na verdade uma só.*

# **ISABEL**

**E o mundo à sua frente.**

Isabel sempre previa  
Uma tal situação  
De que um simples problema  
Terá continuação  
Então num tom disfarçava  
Fingia que já voava  
Findando a discussão.

Sua mãe já conhecia  
Essa tal atuação  
Esticava a conversa  
Mas não lhe dava razão  
E não tinha regalia  
Isabel já respondia  
Pois não tinha opção.

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

O que será?

(Isabel)

Qual o significado?

“Procure no dicionário!”

Essa palavra é difícil

Pois não tem no abecedário

E eu não sei o que é isso

‘bem não sei o que vi nisso

Tem a ver com calendário?

(Mãe)

Você o tem todo dia

E durante todo ano

Está bem no seu nariz

E no seu cotidiano

Perceba bem direitinho

Analise com carinho

Pra não encontrar engano.

(Isabel)

Será coisa de comer?

Ou coisa de trabalhar?

Pois eu como todo dia

E trabalho pra danar

Mas não é algo de novo

Será galinha ou o ovo?

Bem, comecei a pensar.

# ISABEL

## E o mundo à sua frente.

Para Isabel não tinha  
Nada a ver com mais nada  
Mas tudo se resolvia  
Com um tempo concentrada  
Pois certas coisas existem  
Que alguns tanto insistem  
De tê-la empoderada.

Foi assim que ela teve  
Essa interpretação  
Após ler uma parábola  
E tirá-la por lição  
Um príncipe condenado  
Por forçar o seu reinado  
Preso pela concessão:

A torre do Alto do céu

“Um jovem que quis viver  
No alto da torre do céu  
Não precisou muita força  
Apenas muito papel  
Ele se cercou de amigos  
Sem prever os inimigos  
Com ego de coronel.

O jovem no alto da torre  
A poucos se dirigiu  
E só falou por escrito  
Ou por outros que se ouviu  
Assim viveu sua graça  
Sem botar o pé na praça

# ISABEL

## E o mundo à sua frente.

E nem sabe o que se viu.  
O jovem no alto do céu  
Manteve uns à sua frente  
E controlou seus impulsos  
Mas c`outros fez diferente  
Se egou a fantasia  
E fez o que não podia  
Para se manter presente.

No alto da torre do céu  
Se vive um pouco sozinho  
Não se pode sorrir muito  
Pra não durar um pouquinho  
Não é questão de querer  
Muito menos de poder  
Ou de fazer seu mundinho”.

Ela lembrou de ter lido  
Sobre um rei solitário  
Que num planeta pequeno  
Era tão autoritário  
Que na verdade queria  
Ter a sua serventia  
Sem desfalcar seu erário.

Ainda sobre os reis  
Ela lembrou do leão  
Tido como rei da selva  
Pela grande presunção  
Pois pra ela era lógico  
O seu nicho ecológico  
Lhe dava tal condição.

# ISABEL

## E o mundo à sua frente.

Entre essas tais questões  
Ela pouco conhecia  
Mas pensava no Brasil  
E daí não entendia  
Se aqui não tem leão  
Quem é o rei do rincão  
Será que já existia?

Num mergulho em mais livros  
Da velha biblioteca  
Encontrou muitas histórias  
Muitas com uma boneca  
Onde muitos animais  
Todos com seus ideais  
Maestravam a rabeça.

Um outro texto contava  
Essa proza de reinado  
Entre uma forte onça  
Com jabuti do Lavrado  
A onça não era quista  
O jabuti, um artista  
Tal era palavreado:

Uma brincadeira

Onça: “Vou fazer uma brincadeira  
Com perguntas e respostas  
Numa vez eu te pergunto  
Em outra você me opostas  
Tudo com muita clareza  
Para sempre ter certeza  
Sem firulas, nem apostas

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

Primeiro vou perguntar  
Qual a cor do firmamento?  
Você logo me responde:  
(Jabuti)  
Mas me espere um só momento  
Você quer saber de dia,  
Ou numa noite sombria  
Pra tal acontecimento?

Pois assim não compreendo  
E não posso responder  
A pergunta é sem clareza  
Com dúvida de entender  
Assim perdeu a sua vez  
Agora conte até três  
Pra você me devolver.

Eu vou com praticidade  
E bem direto ao assunto  
Não me faça essa vergonha  
E me responda em conjunto  
Pois pergunto sem engano  
Qual é a cor do oceano?  
Não se finja de defunto.

Onça: Pra esse questionamento  
Eu respondo imediato  
Não tem conversa fiada  
Nem firula de gaiato  
Pois a resposta em questão  
É a tal coloração  
Que você fez 'disparato'.

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

Ainda digo seguinte:  
Não se tem a intenção  
De se fazer uma pendenga  
Ou também apelação  
Se fosse comigo honesto  
Eu repetiria o gesto  
E seguia a diversão.

Eu lhe digo com firmeza  
E com toda precaução  
Não pensei em lhe enganar  
Nesta tal ocasião  
Fiz minha pergunta falha  
E não quis ser um canalha  
Para esta situação”.

Então o jogo acabou  
E se foi a brincadeira  
Tudo parecia simples  
Sem ter nenhuma rasteira  
Mas tudo é como peleja  
Até quem vai para igreja  
Tem a alma traiçoeira.

(Isabel)

Mas nem conversa se tem  
Não dá mesmo pra fazer  
Os dois são autoritários  
Nunca vão se entender  
Talvez estavam tentando  
Ganhar o outro cantando  
E amizade nascer.  
Mas vamos analisar:

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

A onça não é bem quista  
Será porque é mais forte?  
E pode ser egoísta?  
Nesse caso me parece  
Que ela muito carece  
De um tom equilibrista.

Ela de um certo modo  
É bem antissocial  
Não preza por parceria  
Tem seu jeito animal  
Não daria um bom rei  
Se votação for a lei  
Vai sobrar no arraial.

Enquanto o jabuti  
Parece ser mais enfático  
Mas parece bem altivo  
Embora um carismático  
Poderá ter maioria  
Levando à histeria  
Tornando aristocrático.

Não daria um bom rei  
Poderia fazer cena  
Como um desprotegido  
Ligando sua antena  
E quando oposição  
Lhe pedir explicação  
Vai apelar na arena

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

Mãe: Então quem você seria?

Isabel: Eu não quero ser nenhum

Vou ficar observando

E ver se deles algum

Toma iniciativa

E de forma coletiva

Definem apenas um.

Mãe: Qual o porquê de ser rei?

Aumentar o seu trabalho?

Deixar pra trás sua vida

E jogá-la num baralho?

Tornar-se duas pessoas?

Mediar as coisas boas

Cortar cebola e alho?

Isabel: Eu já sei qual o melhor!

Melhor é ser rei da vida

Tomar minhas decisões

Mas também ser querida

Com os outros ao redor

Não lhes causar o pior

E também ser destemida.

Mas Isabel não sabia

O que na vida integra

Mesmo sendo só a sua

Ela tem a sua regra

E para tal liberdade

Teve que provar idade

Fazer o que não alegra.

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

Vias burocracias  
E procurou seus direitos  
Esperando solução  
Enfrentou 'ma grande fila  
Mesmo sem contestação  
Foi-se um dia inteiro  
E sentiu o verdadeiro  
Calor da repartição.

Chegado a sua vez  
Um suspiro exaltou  
E com sorriso no rosto  
Uma conversa puxou  
Mas com um olhar discreto  
Recebeu em tom direto  
O que a moça falou:

Pois em primeiro lugar  
Deverá ser em três vias  
Uma que é para você  
E aguarde por dois dias  
A segunda para mim  
A terceira não tem fim  
São para as burocracias.

Compareça com o recibo  
Após o segundo dia  
Vão lhe chamar pelo número  
Registrado em sua via  
Mas chegue pela primeira  
Não seja tão desordeira  
Pois não é mercearia.

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

E para casa voltou  
Estava desiludida  
Com todo o ocorrido  
Mas estava decidida  
À mãe questionar  
Para seu rumo tomar  
E mudar a sua vida.

*Na certeza da guerra*

Isabel:  
Eu resolvi me alistar  
Contra tudo que me emperra  
Com várias mãos a listar  
Como as pedras numa serra  
É o que eu procurava  
Pois na hora encontrava  
Um chamado para a guerra.

Mãe: Que novidade é esta?!  
Posso saber o que pensa?  
Pois você saiu daqui  
E não estava propensa  
Ouviu algum passarinho?  
Ou se perdeu no caminho?  
Ou quer buscar recompensa?

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

Isabel:

Fui chamada à lutar  
Pelo correto qu'encerra  
E sei que não há lugar  
Para mim em outra terra  
No ninho que fiz morada  
Eu abri minha estrada  
E já me'ngressei na guerra.

Mãe:

Já ouvi essa conversa  
E sei que já ela passa  
Fale-me com mais clareza  
Não me seja descompassa  
O que está na cabeça  
Que você tanto mereça?  
E sei que do chão não passa.

Isabel:

Não deixei de acreditar  
Mesmo onde a certeza erra  
Sempre a me questionar  
Da dúvida que me enterra  
Cometi alguns percalços  
Dos outros passos em falsos  
Não desistirei da guerra.

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

As horas

Isabel:

As horas vêm me avisar  
Que está na hora do remédio  
As horas querem lembrar  
Que não preciso de tédio  
As horas devem mostrar  
Que eu já não posso enxergar  
As horas por intermédio.

As horas de algum lugar  
Que marcaram o meu norte  
As horas fazem pensar  
Que eu tive tanta sorte  
As horas vêm me acordar  
Que não posso atrasar  
As horas que têm a morte.

A vida é uma ciranda

Mãe:

Deixe chover um milímetro  
A mais na sua varanda  
Deixe o cara na TV  
Convencer na propaganda  
Faça-se apenas rir  
Sem saber aonde ir  
Quando girar a ciranda.

# ISABEL

E o mundo à sua frente.

E respire, e transpire  
Caminhe por um momento  
Conte até mais um dez  
Sem perder a paz do vento  
(Isabel)  
Mas que lugar vou sentar  
Quand'amúsica'cabar?  
Não quero ser um detento.

*O mundo*

Mãe:  
Viu o que aconteceu?  
Que você se encontrou?!  
Tudo estava aqui  
Então pra frente olhou  
O mundo está lá fora  
A resposta é agora  
A verdade expressou.  
Isabel viu o seu mundo  
De direitos e saberes  
E soube que para tê-lo  
Precisa ter seus deveres  
E avistou horizonte  
Em cima daquele monte  
Se viu com os seus poderes.



## **Eu queria ser escritor**

Eu queria ser escritor  
Usar papel e caneta  
Passar de um lugar a outro  
Ficar em outro planeta  
Escrever para viver  
Fazer o povo entreter  
Ver estrelas na luneta.



# Lavrados e Cordéis





ISBN 978-65-990458-5-1



9 786599 045851

